



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

**SHELTOM DELANO OLIVEIRA DE ARAGÃO**

**AS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO  
PORTUGUÊS EUROPEU: UMA ANÁLISE COMPARATIVA**

Salvador

2017

**SHELTOM DELANO OLIVEIRA DE ARAGÃO**

**AS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO  
PORTUGUÊS EUROPEU: UMA ANÁLISE COMPARATIVA.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, do Instituto de Letras, da Universidade Federal da Bahia. O trabalho é fruto da pesquisa na linha de *Constituição Histórica do Português e das demais Línguas Românicas* e constitui-se como requisito e objetivo de conclusão de mestrado acadêmico no ano de 2017.

**EDIVALDA ALVES ARAÚJO**

Salvador

2017

Modelo de ficha catalográfica fornecido pelo Sistema Universitário de Bibliotecas da UFBA para ser confeccionada pelo autor

SH545 Oliveira de Aragão, Shelton Delano  
AS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO  
PORTUGUÊS EUROPEU: UMA ANÁLISE COMPARATIVA. / Shelton Delano  
Oliveira de Aragão. -- Salvador, 2017.  
94 f.

Orientadora: Edivalda Alves Araújo.  
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Língua e  
Cultura) -- Universidade Federal da Bahia, Instituto de  
Letras, 2017.

1. Construções de Tópico. 2. Sintaxe Diacrônica. 3. Linguística  
Histórica. 4. Português Brasileiro. 5. Português Europeu. I.  
Araújo, Edivalda Alves. II. Título.

**SHELTOM DELANO OLIVEIRA DE ARAGÃO**

**AS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO  
PORTUGUÊS EUROPEU: UMA ANÁLISE COMPARATIVA.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, do Instituto de Letras, da Universidade Federal da Bahia. O trabalho é fruto da pesquisa na linha denominada *Constituição Histórica do Português e das demais Línguas Românicas* e constitui-se como requisito e objetivo de conclusão de mestrado acadêmico no ano de 2017.

DATA DE APROVAÇÃO: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

EXAMINADOR 1: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edivalda Alves Araújo

Instituição – Universidade Federal da Bahia – UFBA

Assinatura \_\_\_\_\_

EXAMINADOR 2: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elisângela Gonçalves da Silva

Instituição – Universidade Federal da Bahia – UFBA

Assinatura \_\_\_\_\_

EXAMINADOR 3: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Conceição Freire Lobo

Instituição – Universidade Federal da Bahia – UFBA

Assinatura \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Tentei evitar o clichê, mas seria injusto começar de outra forma.

Agradeço,

Primeiramente, a Cid, meu pai, a Silvana, minha mãe e a Guilherme, meu irmão. Foram eles que, desde sempre, acreditaram em mim mais do que eu mesmo. Foram eles que me deram condições de me dedicar integralmente aos estudos e, com isso, perceber que eu poderia chegar onde quisesse;

A Emili Gonçalves, minha companheira, por todo o apoio, desde quando choramos juntos ao receber o resultado da seleção para o mestrado. Mais do que isso, por ter me dado o melhor presente de todos, Ana Laura, nossa filha, nossa luz, nossa alegria, nossa razão de vencer qualquer dificuldade;

A minha querida orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Edivalda Araújo, por ter sido minha mãe tantas vezes, acreditando que eu seria capaz de realizar um bom trabalho, mesmo quando eu já pensava seriamente em desistir;

Aos irmãos que a vida me deixou escolher: Bruno Carvalho, Gabriela Lopes e Aline Rossi, por serem muito mais que colegas de faculdade, por estarem sempre presentes da forma mais bonita possível em minha vida;

A Ari Sacramento, pois, sem suas preciosas colaborações, o pré-projeto da seleção de mestrado teria sido catastrófico;

A Elisângela Mendes, por ter sido o grande exemplo em que me espelhei desde a graduação;

Às professoras Ana Cristina Macário Lopes, Maria Isabel Pires Pereira e Isabel Maria Almeida dos Santos, da Universidade de Coimbra, por terem sido fontes de inspiração acadêmica, por terem dedicado tanto tempo a conversar comigo pelas escadas e corredores da FLUC;

A Natival e Carlinha, que me deram o apoio necessário no momento mais difícil da minha vida acadêmica;

Aos funcionários do PPGLINC, em especial a Ricardo e Thiago, por serem sempre tão solícitos e competentes.

## RESUMO

Este trabalho é dedicado ao estudo das construções de tópico (CT) no Português do Brasil (PB) e do Português de Portugal (PE) nas décadas de 1970 e 2010. Através das comparações entre as variedades e entre as décadas, buscamos compreender como se organizam sintaticamente o PB e o PE. As análises aqui apresentadas indicam pontos de convergência e divergência entre as gramáticas, colocando à prova hipóteses levantadas por estudos anteriores e, sempre que possível, sugerindo novas conjecturas. O levantamento dos dados deste estudo foi realizado em duas partes. Primeiro, para a década de 1970, através de dois *corpora* consolidados no meio linguístico – um dos livros de inquéritos transcritos do projeto Norma Urbana Culta (NURC) da cidade de Salvador para o PB e 64 inquéritos transcritos do Corpus de Referência do Português Contemporâneo do Centro (CRPC) de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL) para o PE. A segunda parte foi constituída através de ocorrências coletadas em entrevista a telejornais brasileiros e portugueses, disponibilizadas *online* nos sites de emissoras e na rede social *YouTube*. As ocorrências foram identificadas com base nas definições sintáticas, semânticas e discursivas elencadas em Araújo (2006). A classificação destas ocorrências foi alcançada também através das propostas de Araújo (2006), que permitiu a análise de todas as ocorrências com o máximo de coerência e precisão. Em seguida, apresentamos os resultados do levantamento e das classificações realizadas, estabelecendo uma interpretação preliminar do que os dados sugerem. A análise detalhada dos resultados fundou-se, basicamente, nos princípios do Programa Minimalista da Teoria Gerativa (CHOMSKY, 1995, 1999, 2001) e se debruçou sobre as construções de Tópico Pendente com Retomada (TPR), Topicalização de Objeto Direto (TOD), Deslocamento à Esquerda/*Left Dislocation* (ETop/LD) e Deslocamento Clítico à Esquerda/*Clitic Left Dislocation* (CLLD), pois são as construções que podem indicar mais claramente inclinações gramaticais que podem aproximar ou afastar PB e PE. O trabalho, então, encerra-se com as conclusões alcançadas através das análises feitas nos capítulos anteriores. Verificamos que, conforme defende Costa (2010, 2012), as diferenças entre PB e PE não são decorrentes de aspectos sintáticos, mas resultam de propriedades morfológicas, que determinam operações sintáticas. Evidência disto são as estruturas subjacentes distintas nas construções de tópico com retomada em posição de sujeito. Em PB, a retomada ocupa a posição Spec, T; em PE, Spec, Foc ou Foc. Com o nosso trabalho, buscamos contribuir com o estudo da língua tanto do ponto de vista sincrônico quanto diacrônico, uma vez que são analisadas questões estruturais que flutuam entre as gramáticas do PB e do PE.

Palavras-chave: Construções de Tópico. Sintaxe Diacrônica. Português Europeu. Português

Brasileiro. Linguística Histórica.

## ABSTRACT

This work is dedicated to the study of topic constructions in Brazilian Portuguese (BP) and European Portuguese (EP) in the 1970s and 2010s. Through comparisons between varieties and between decades, we seek to understand how are syntactically organized the BP and the EP. The analyses presented here indicate points of convergence and divergence between the grammars, testing hypotheses raised by previous studies and, whenever possible, suggesting new conjectures. The data collection for this study was influenced by Quantificational Sociolinguistics and was carried out in two parts. First, for the 1970s, through two consolidated *corpora* in the linguistic milieu - one of the transcribed surveys of the Norma Urbana Culta (NURC) of Salvador City project for the BP and 64 transcribed inquiries from the Center for Contemporary Portuguese Reference Corpus (CRPC) Of Linguistics of the University of Lisbon (CLUL) for the EP. The second part was constituted through occurrences collected in an interview to Brazilian and Portuguese news programs, made available online on the broadcasters' websites and on the YouTube social network. The occurrences were identified based on the syntactic, semantic and discursive definitions listed in Araújo (2006). The classification of these occurrences was also achieved through the proposals of Araújo (2006), which allowed the analysis of all occurrences with the maximum coherence and precision. Next, we present the results of the survey and the classifications performed, establishing a preliminary interpretation of what the data suggest. The detailed analysis of the results was basically based on the principles of the Minimalist Program of Generative Theory (CHOMSKY, 1995, 1999, 2001) and focused on the constructions of Pending Topic with Resume (TPR), Direct Object Topic (TOD), Left Dislocation (ETop / LD), and Clitic Left Dislocation (CLLD), as they are the constructs that can indicate more clearly grammatical slopes that can approach or separate BP and EP. The work then closes with the conclusions reached through the analyses made in previous chapters. We verified that, as Costa (2010, 2012) argues, the differences between BP and EP are not derived from syntactic aspects, but result from morphological properties, which determine syntactic operations. Evidence of this is as distinct underlying structures in topic constructions with recapture in subject position. In BP, a recapture takes the position Spec, T; In EP, Spec, Foc or Foc. With our work, we seek to contribute to the study of language from both synchronic and diachronic points of view, once we analyze the structural issues that fluctuate between the grammar of the BP and the EP.

Keywords: Topic Constructions. Diachronic Syntax. European Portuguese. Brazilian Portuguese; Historical Linguistics.





## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
1.1 Considerações iniciais.....	8
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>14</b>
<b>3 O TÓPICO.....</b>	<b>19</b>
3.1 Sobre o capítulo.....	19
3.2 O Tópico enquanto elemento semântico-discursivo.....	19
3.2.1 Referencialidade.....	21
3.2.2 Identificabilidade.....	22
3.2.3 Acessibilidade.....	23
3.3 O Tópico enquanto elemento sintático.....	24
3.4 Síntese do capítulo.....	31
<b>4 CLASSIFICAÇÃO E RESULTADOS.....</b>	<b>33</b>
4.1 Sobre o capítulo.....	33
4.2 Classificação das Construções de Tópicos.....	33
4.2.1 Tópico Pendente.....	33
4.2.2 Tópico Pendente com Retomada (TPR).....	34
4.2.3 <i>Clitic Left Dislocation</i> (CLLD).....	34
4.2.4 ETop ( <i>English Topicalization</i> ) ou LD ( <i>Left Dislocation</i> ).....	35
4.2.5 Topicalização de Objeto Direto (TOD).....	35
4.2.6 Topicalização V2.....	36
4.2.7 Topicalização Selvagem.....	36
4.2.8 Tópico Sujeito.....	37
4.3 Resultados.....	38
4.3.1 Resultados de 1970.....	38
4.3.2 Resultados de 2010.....	43
4.3.3 Síntese do Capítulo.....	48
<b>5 ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS DA ÁREA DO SUJEITO.....</b>	<b>50</b>
5.1 Sobre o Capítulo.....	50
5.2 A área do sujeito no PB a partir das TPR.....	50
5.3 A área do sujeito no PE a partir das TPR.....	55
5.4 Síntese do capítulo.....	62
<b>6 ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS DA ÁREA DO OBJETO.....</b>	<b>65</b>

<b>6.1 Sobre o capítulo.....</b>	<b>65</b>
<b>6.2 Tópico Pendente com Retomada (TPR).....</b>	<b>65</b>
<b>6.2.1 PB.....</b>	<b>65</b>
<b>6.2.2 PE.....</b>	<b>67</b>
<b>6.3 Topicalização de Objeto Direto (TOD).....</b>	<b>68</b>
<b>6.3.1 PB.....</b>	<b>69</b>
<b>6.3.2 PE.....</b>	<b>70</b>
<b>6.4 <i>English Topic</i> (ETop) ou <i>Left Dislocation</i> (LD).....</b>	<b>72</b>
<b>6.4.1 PB.....</b>	<b>72</b>
<b>6.4.2 PE.....</b>	<b>73</b>
<b>6.5 <i>Clitic Left Dislocation</i> (CLLD).....</b>	<b>73</b>
<b>6.5.1 PB.....</b>	<b>74</b>
<b>6.5.2 PE.....</b>	<b>74</b>
<b>6.6 Síntese do capítulo.....</b>	<b>75</b>
<b>7 CONCLUSÃO.....</b>	<b>78</b>
<b>7.1 Considerações finais.....</b>	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>84</b>

## CAPÍTULO 1

### Introdução

#### 1.1 Considerações iniciais

As diferenças sintáticas entre Português do Brasil (PB) e Português Europeu (PE) têm motivado uma vasta gama de estudos, tanto sincrônicos, quanto diacrônicos. Enquadrado nesse aspecto, o presente trabalho é destinado à investigação do funcionamento das Construções de Tópico (CT) no PB e no PE na década de 1970, verificando semelhanças e diferenças entre as variedades.

Os estudos comparativos entre as variedades do português têm demonstrado peculiaridades em relação às construções sintáticas de cada uma, como foi observado por Pontes (1987), ao mostrar que o PB exibia um padrão sintático diferente do PE.

O trabalho de Eunice Pontes (1987) define o tópico (sublinhado abaixo) como um quadro de referência para uma enunciação que será feita em seguida, o que se pode observar em um exemplo retirado do texto:

(1) “Essa bolsa *as coisas* somem aqui dentro” (PONTES, p. 13, 1987, grifo nosso).

No exemplo acima, destacam-se a posição habitual do tópico, deslocado à esquerda da sentença, e, em seguida, o sujeito (em itálico, acima), selecionado pelo verbo.

Um dos tipos de CT trazidos por Pontes (1987) é o que ela chama de duplo-sujeito, cuja denominação já não é mais utilizada pelos sintaticistas, sendo as construções desse tipo chamadas de tópico pendente com retomada em posição de sujeito. Em (2), observamos um exemplo de frases às quais estamos nos referindo:

(2) “O pneu, *ele* tem uma borracha especial com alguma parte dentro da borracha que é aderente.” (Inf. 354 – NURC-70/Salvador)

A pesquisa desenvolvida durante a nossa Iniciação Científica (IC), *A evolução das construções de tópico com retomada pronominal: da década de 70 ao século XXI*<sup>1</sup>, atestou o

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa foi realizada no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eivalda Araújo nos semestres de 2012.2 e 2013.1.

aumento das construções de tópico com retomada pronominal em posição de sujeito no PB da década de 1970 à de 2010, nos levando a questionar como se comportariam os outros tipos de CT nas mesmas décadas e na mesma variedade. Além disso, sentimo-nos estimulados a comparar a situação do PB com a do PE. Assim surgiu a motivação para este trabalho.

O objetivo geral da nossa investigação é verificar se as diferenças entre as construções de tópico do PB e do PE se sustentam em propriedades discursivas – conforme propõem Galves (1998), Kato (1999), entre outros –, ou gramaticais, como sugere Costa (2010, 2012). Para isso, devemos atender a três objetivos específicos:

- a) Identificar as construções de tópico presentes nas duas variedades do português, descrevendo a sua configuração sintática.
- b) Compreender como as CT se organizam nos sistemas CP<sup>2</sup> de cada variedade.
- c) Averiguar até que ponto as gramáticas do PB e do PE se distanciam ou se aproximam no que diz respeito às condições discursivas e morfossintáticas para a produção do tópico.

A análise dos dados encontrados nos *corpora* se baseou em diversos estudos anteriores sobre o tópico no Brasil e em Portugal. Autores como Pontes (1987), Kato (1989, 1998, 2011), Cyrino (1994, 1997), Araújo (2009) e Costa (2010, 2012), entre outros, trazem importantes contribuições nesse sentido, não apenas traçando paralelos entre PB e PE, mas principalmente aprofundando a análise das estruturas sintáticas que subjazem às sentenças das CT em cada uma. O que se observa nesses textos é que as diferenças gramaticais entre o PB e o PE, no que diz respeito à sintaxe, parecem estar relacionadas a aspectos formais, como diferenças de organização nos sistemas CP de cada uma. Nesse contexto, alguns questionamentos surgiram:

- a) Há diferenças de funcionamento entre os sistemas CP do PB e do PE?
- b) Que processos morfossintáticos podem ocasionar as diferenças entre as CT de cada variedade?

---

<sup>2</sup> CP significa *Complementizer Phrase* e se refere a uma camada estrutural da língua. Adotamos a proposta de Rizzi (1997), segundo a qual, nesta camada, estão alojadas projeções nucleares funcionais, como será desenvolvido no capítulo 6 desta dissertação.

c) Até que ponto propriedades semântico-discursivas condicionam diferenças de produtividade das CT entre PB e PE?

Para responder a estas questões, levantamos algumas hipóteses iniciais:

a) Os sistemas CP de cada variedade se diferenciam, especificamente, no processo de checagem dos traços semânticos e discursivos (RIZZI, 2004). Sustentamos esse argumento com base no trabalho de Chomsky (2008), segundo o qual os traços-*phi* (traços de concordância em gênero, pessoa e número) pertencem originalmente ao sistema CP, sendo movidos para TP<sup>3</sup> no decorrer da derivação. Com base em Avelar e Galves (2011), acreditamos que esse processo de transferência de traços entre CP e TP acontece de formas diferentes entre o PB e o PE.

b) A perda do parâmetro *pro-drop* tem sido a condição morfossintática mais relevante na diferenciação entre as CT do PB e do PE. O fato de encontrarmos algumas CT em uma variedade, mas não na outra ou discrepâncias de produtividade em certos tipos de CT são consequências da remarcação do parâmetro em PB.

c) Avelar e Galves (2011) defendem que, em PB, a criação de Spec, T é obrigatória e ocorre antes da concatenação do CP, de onde são transferidos alguns traços para checagem em TP. Essa característica é inerente às línguas de “proeminência de tópico” ou “orientação para discurso”, conforme Pontes (1987), Galves (1998) entre outros. Acreditamos, então, que essa peculiaridade discursiva do PB poderia regular suas diferenças em relação ao PE quanto ao funcionamento do sistema CP.

Estas conjecturas primárias foram importantes para guiar nosso trabalho até certo ponto, mas a análise dos dados e a (re)leitura de textos teóricos sobre as CT conduziu à reformulação de uma das hipóteses levantadas inicialmente. A mudança ocorreu na hipótese c). A partir da análise dos dados à luz das ideias de Costa (2010, 2012), cogitamos a possibilidade de as diferenças sintáticas entre PB e PE nas sentenças que envolvem tópicos fossem decorrentes de propriedades morfológicas específicas de cada variedade, não de

---

<sup>3</sup> TP, conforme a Teoria Gerativa, é a camada de flexão de Tempo da estrutura sintática.

enquadramentos discursivos diferentes. As operações sintáticas propostas em ambos os casos são as mesmas, o que muda é a motivação, uma vez que Costa (2010, 2012) não atribui as diferenças de checagem de traços a uma suposta orientação para discurso do PB.

Para verificar se esta hipótese se confirmava, comparamos os resultados do levantamento de dados entre as variedades, tanto do ponto de vista quantitativo quanto em relação aos tipos de construções encontradas. A partir daí, submetemos as construções dos tipos que poderiam demarcar diferenças estruturais entre PB e PE a perspectivas teóricas assumidas por estudos anteriores, como Duarte (1993, 1995), Galves (1996, 1998, 2001), Barbosa (1995, 2006), Cyrino (1994, 2000), Kato, Cyrino, Duarte e Berlinck (2006) e o próprio Costa (2010, 2012).

O fato de termos adotado as explicações de Costa (2010, 2012) não invalidam por completo a proposta de Avelar e Galves (2011). Por esse motivo, mantivemos a hipótese a). Se trabalhamos com a ideia de condicionamento morfológico para as diferenças entre as variedades, então é claro que estão envolvidos os processos de checagem de traços entre os sistemas CP e TP. Nesse sentido, notamos que as propostas de Avelar e Galves (2011) e Costa (2010, 2012) não se excluem, mas que, na verdade, há um diálogo possível entre elas.

Decidimos também continuar trabalhando com a hipótese b), relativa à perda do parâmetro *pro-drop*, pois consideramos que ela contribuía para a ideia de Costa (2010, 2012), a qual adotamos. Para testar esta hipótese, dividimos os capítulos de análise em “áreas”. O que chamamos de área do sujeito é a posição ou o conjunto de posições em que podem ser alocados sintagmas que possuem a função de sujeito. O mesmo vale para a área do objeto. Se encontrarmos, entre as variedades, distanciamentos estruturais em construções envolvendo a função de sujeito e aproximações envolvendo a função de objeto, então a hipótese faz sentido.

Resumindo, o que está em causa na reformulação das nossas hipóteses é que os desdobramentos sintáticos do PB e do PE têm relação com as condições morfológicas – e não discursivas – de cada variedade.

Quanto à organização global do trabalho, dividimos o texto em 5 capítulos, que se seguem à introdução. No capítulo 2, apresentamos os *corpora* utilizados, detalhamos os procedimentos utilizados na coleta de dados, na notação e na referência das ocorrências, e justificamos a importância desta pesquisa para o meio acadêmico.

O capítulo 3 é dedicado ao delineamento do tópico enquanto objeto de estudo. Partimos de uma breve revisão teórica das definições calcadas no Gerativismo e em conceitos advindos da área do discurso para identificar com precisão o sintagma na posição de tópico sintático.

Delimitado o objeto, partimos para as classificações possíveis dos tipos de construções e para os resultados encontrados, no capítulo 4. Seguindo a tipificação proposta por Araújo (2006), explanamos e ilustramos cada tipo de construção de tópico que poderíamos ter encontrado nos *corpora*. Em seguida, exibimos os resultados dos levantamentos de cada *corpus*. Através de tabelas, comparamos as produtividades de cada tipo de construção em cada década, tanto no PB quanto no PE. Apresentamos ainda breves reflexões sobre os números obtidos e uma síntese do capítulo.

Os capítulos 5 e 6 foram dedicados à análise mais profunda e detalhada das ocorrências que julgamos preponderantes para estabelecer pontos de contato ou divergência entre PB e PE. No capítulo 5, debruçamo-nos sobre as ocorrências que envolviam relações entre o tópico e o sujeito. No capítulo 6, tratamos dos tipos de tópicos que se relacionam com a posição de objeto direto. Ambos os capítulos também se encerram em breves sínteses com reflexões que resgatam resumidamente os pontos de análise mais relevantes.

O capítulo 7 é correspondente às considerações finais. Neste capítulo, apresentamos um panorama geral sobre as conclusões a que chegamos com as análises realizadas nos capítulos anteriores.

É válido ressaltar que trabalhos comparativos entre CT do PB e do PE em diacronia já foram realizados anteriormente, a exemplo de Galves (2001) e Araújo (2006), que, em sua tese de doutoramento, analisou as construções das duas variedades em cartas e peças de teatro dos séculos XVIII e XIX. Outros estudos sintáticos mostram ainda que a virada do século XIX para o século XX é um período importante para a história da língua, pois é quando se desenvolvem diversas mudanças sintáticas no PB, conforme trabalhos de Tarallo (1983), Duarte (1993; 2003), Galves (1993) e Kato, Duarte e Cyrino (2006). Entretanto, quanto às operações desenvolvidas entre os séculos XX e XXI, os estudos ainda são incipientes. São necessárias pesquisas recentes de análise comparativa entre PB e PE com dados mais atuais para que sejam entendidos os processos diacrônicos que levaram às diferenças entre as duas variedades, contribuindo para a ampliação dos estudos em Sintaxe Diacrônica. É nesse âmbito que se insere a nossa pesquisa, trazendo os dados da segunda metade do século XX em comparação com dados do início do século XXI.

Com este trabalho, esperamos contribuir para o desenvolvimento dos estudos sobre as construções de tópico tanto no PB quanto no PE. Além de sugerirmos análises, também levantamos hipóteses que devem ser submetidas a testagem em trabalhos futuros. Segundo Coseriu (1979 *apud* MATTOS E SILVA, 2008) “[...] descrição e a história da língua situam-se, ambas, no nível histórico da linguagem e constituem juntas a linguística histórica [...]”.



Dessa forma, almejamos colaborar com o a linguística histórica, uma vez que apresentamos a descrição de um fenômeno em um dado recorte temporal, viabilizando registros desse fenômeno nesse tempo para trabalhos futuros.

## CAPÍTULO 2

### Metodologia

Nosso estudo foi alicerçado no Programa Minimalista da Teoria Gerativa (CHOMSKY, 1995, 1999, 2001), no sentido de entendermos como as CT são estruturadas pelos sistemas linguísticos do PB e do PE. Ainda na Teoria Gerativa, recorreremos a estudos empreendidos por outros autores, como Kato (1989), Barbosa (1995, 2001), Lambrecht (1996), Galves (1996, 1998, 2001), Uriagareka (1998), Rizzi (1997, 2001, 2004), Roberts e Holmberg (2001), Araújo (2006, 2009), entre outros.

Os *corpora* da pesquisa, detalhados abaixo, foram constituídos a partir de três fontes: i) inquéritos disponibilizados virtualmente por projetos de pesquisa da Universidade de Lisboa; ii) transcrições dos inquéritos do Projeto Norma Urbana Culta, de 1970, referido neste trabalho como NURC-70 da cidade de Salvador; e iii) entrevistas concedidas a programas televisivos do Brasil e de Portugal na década de 2010. A partir dessas fontes, dividimos os inquéritos em quatro partes: PE da década de 1970, PB da década de 1970, PB da década de 2010 e PE da década de 2010. Todas as ocorrências foram extraídas de inquéritos do tipo Diálogo entre Informante e Documentador (DID).

A primeira parte dos nossos *corpora* de análise, constituída por ocorrências do PE na década de 1970 e pautada em circunstâncias reais de fala espontânea desta variedade, teve como base dois projetos realizados em Portugal, dedicados à produção oral da língua. O primeiro projeto dessa etapa é denominado *Português Falado – Variedades Geográficas e Sociais*, do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (CRPC), que é desenvolvido no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL). A plataforma online da universidade disponibiliza inquéritos de todas as variedades do português ao redor do mundo, sendo as ocorrências do PE localizadas nas décadas de 1970 e 1990, embora só tenhamos trabalhado com a primeira. Esse *corpus*, porém, é constituído por apenas 5 inquéritos de, aproximadamente, 5 minutos cada. Portanto, ele foi utilizado como complemento de outra base de dados da Universidade de Lisboa, que é o *Corpus Português Fundamental* (PF), projeto iniciado por Lindley Cintra em 1970. O PF - Amostra Publicada, descrito como sub-*corpus* e também integrante do CRPC, conta com 140 gravações transcritas, de aproximadamente 5 minutos cada. Em ambos os casos, os informantes são classificados de acordo com variáveis sociais (gênero, idade, escolaridade, tempo de convivência com outras línguas, etc) , o que nos permitiu excluir da análise indivíduos sem nível superior de

escolaridade e aqueles que relataram contato intenso com uma língua estrangeira, uma vez que esse contato pode ter influenciado na organização sintática que o informante utiliza e, conseqüentemente, na sua forma de exprimir as CT. A filtragem desses *corpora* resultou em 64 inquéritos entre 4 e 6 minutos cada, totalizando cerca de 6 horas de áudio transcrito.

A segunda parte do *corpus* diz respeito ao PB da década de 1970 e se baseou nos inquéritos transcritos pelo projeto NURC-70 da cidade de Salvador. Segundo informações da página virtual do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), que contribui para a composição do NURC, este:

[...] tem caráter conjunto e coordenado e se pauta pelos mesmos princípios metodológicos nas cinco cidades. Os informantes são dos dois gêneros, distribuídos por três faixas etárias — I-25 a 35, II-36 a 55 e III-de 56 em diante —, e nascidos na cidade objeto de estudo, na qual devem ter permanecido pelo menos três quartas partes de sua vida. O *corpus* constituído em cada cidade compreende três diferentes categorias de texto: elocuições formais (EF), diálogos entre informante e documentador (DID) e diálogos entre dois informantes (D2). O *corpus* nacional constitui-se de um total de 1.870 inquéritos gravados, perfazendo, aproximadamente, 1.570 horas de gravação.

Observa-se, portanto, a relevância do *corpus* proporcionado pelo NURC, o que possibilitou o recorte adotado sem nenhum problema. Esse artifício foi imprescindível no intuito de sincronizarmos o levantamento dos dados dessa com outras fontes, conforme explicitado anteriormente. Do Projeto NURC, foram analisados 8 inquéritos transcritos com durações entre 40 e 50 minutos cada, resultando em cerca de 6 horas de áudio transcrito.

Para as ocorrências da década de 2010 do PB e do PE, correspondentes, respectivamente, à terceira e à quarta partes da divisão dos *corpora* da nossa pesquisa, trabalhamos com dados bastante recentes, ainda não encontrados em *corpora* prontos. Portanto, constituímos os *corpora* de ambas as variedades da mesma forma: a partir da coleta de ocorrências em vídeos de entrevistas jornalísticas ocorridas entre 2010 e 2015, disponibilizados nos sites das emissoras de televisão brasileiras e portuguesas e na rede social *YouTube*. Tanto para o PB quanto para o PE, foram coletados dados provenientes de 3 horas de escuta. Do PB, foram assistidos 27 vídeos entre 5 e 15 minutos. Do PE, foram assistidos 15 vídeos com a faixa de duração entre 10 e 20 minutos.

A desproporcionalidade entre os tempos dos *corpora* de 1970 e de 2010 foi decorrente dos percalços encontrados no decorrer da pesquisa. Apesar da intensa busca, não foram encontrados *corpora* prontos da década mais recente nem para o PB, nem para o PE. Como o levantamento das ocorrências de 1970 já estava pronto, restavam-nos duas alternativas: criar os *corpora* do PB e do PE no século XXI, ou perder um aspecto que consideramos importante

na pesquisa: a comparação entre décadas.

Considerando o nosso comprometimento com a qualidade da pesquisa, mas também a escassez de tempo hábil, optamos pela constituição dos *corpora* com base na experiência que tivemos durante a Iniciação Científica (IC). Nesta, realizamos um trabalho comparativo entre 1970 e 2010 sobre as construções de Tópico Pendente com Retomada Pronominal no PB. Pretendíamos obter os dados mais atualizados possíveis para a década de 2010 e para tanto, resolvemos coletar ocorrências de entrevistas a telejornais da década. Fomos surpreendidos positivamente com a grande quantidade de ocorrências encontradas durante esta coleta. Na primeira década, encontramos 24 casos em 9h de áudio transcrito do Projeto NURC. Na segunda, a partir do *corpus* constituído por nós, foram encontrados 80 casos na metade do tempo de escuta.

Nos *corpora* da década de 1970, tanto para o PB quando para o PE, foram extraídas ocorrências de anos variados entre 1970 e 1979. Nos *corpora* da década de 2010, foram extraídas ocorrências de entrevistas que aconteceram entre 2010 e 2013. Desta forma, sempre que nos referirmos a 1970 ou 2010, estaremos remetendo à década, não ao ano específico.

O método adotado no trabalho de IC se mostrou tão eficaz que sentimos confiança para adotá-lo também nesta dissertação. Assim, realizamos a composição dos *corpora*, conforme especificado acima, através de vídeos jornalísticos disponíveis na internet.

Quanto às variáveis sociais, a seleção dos informantes foi realizada em função da escolaridade. A escolha da norma culta (baseada no nível superior de escolaridade) teve duas motivações: a intenção de estudar construções mais legitimadas na comunidade linguística, sabendo que esse estatuto é adquirido quando uma variação é adotada pelos falantes da norma culta; e a possibilidade de trabalharmos com um *corpus* que já conhecíamos desde a IC e que já disponibilizava dados para análise, o do projeto Norma Urbana Culta (NURC). Essa escolha nos permitiu mais agilidade para tratar dos dados da década de 1970. O controle da variável escolaridade na constituição dos *corpora* de 2010 se deu a partir da seleção das entrevistas assistidas e analisadas. Utilizamos os catálogos de vídeos e as ferramentas de busca dos sites de telejornais (brasileiros e portugueses) para selecionar os informantes. Na caixa de busca, digitamos “entrevista com o/a” e, em seguida, digitamos profissões que exigem nível superior, como médico(a), professor(a), engenheiro(a), entre outras.

Após o fim de cada etapa de levantamento de dados, revisamos minuciosamente todo o material recolhido e analisamos individualmente cada ocorrência, buscando classificar cada uma delas de acordo com a proposta teórica adotada. Classificadas as ocorrências, contabilizamos os casos de cada tipo de construção e os dispusemos em tabelas, conforme se

observa no capítulo 5. Esses critérios de análise, revisão e organização, permitiram perspectivas e conclusões mais precisas acerca das CT das duas variedades nas décadas de 1970 e 2010 e, assim, foi possível averiguar as situações dos sistemas CP de cada uma.

Conforme ilustrado abaixo, nos exemplos utilizados durante o texto, os sintagmas sublinhados correspondem aos tópicos. As retomadas de tópicos no interior da oração, quando ocorrerem, serão sinalizadas em negrito. Em algumas ocorrências, será necessário chamar a atenção para a presença de material interveniente entre o tópico e o sujeito. Esse material será sinalizado em itálico quando for relevante para a análise. Todas as marcações podem ser verificadas em (1):

(1) “o empregado, depois de uma longa semana de trabalho, **ele** tem direito a 24h seguidas de descanso” (V7\_PB)

A notação e referenciação das ocorrências aconteceram da seguinte forma:

a) PE 1970: entre parênteses, lê-se primeiro o nome do *corpus*, depois o número do texto e, conforme exemplo:

(2) “Eu, eu muitas vezes penso: isso vai custar” (crpc\_218)

A notação indica que a ocorrência foi retirada do texto 218 do *corpus* do CRPC.

b) PB 1970: A mesma lógica do PE 1970 foi usada para o PB, uma vez que todas as ocorrências foram extraídas do NURC.

(3) “O avião grande, **ele** é bem mais seguro” (NURC-70/Salvador\_227)

c) PE 2010: Como esse *corpus* foi por nós constituído a partir de coletas de dados, a identificação de cada ocorrência se deu apenas por meio do vídeo do qual ela foi extraída. Os vídeos estão enumerados na ordem em que foram assistidos e sinalizados pela consoante V, conforme exemplo abaixo. Em seguida, indica-se a que variedade pertence aquele vídeo (PE):

(4) “no destino, não sei bem se acredito” (V7\_PE)

d) PB 2010: Assim como na primeira década pesquisada, seguimos a coerência entre

PB e PE na segunda década. O sistema de notação foi idêntico, alterando-se apenas a identificação da variedade, conforme exemplo:

(5) “A questão da taxaço do capital próprio, **ela** é um incentivo para a empresa reinvestir os seus lucros” (V1\_PB)

## CAPÍTULO 3

### O Tópico

#### 3.1 Sobre o capítulo

Dedicamos este capítulo à caracterização e a algumas reflexões teóricas sobre o tópico. Nossa análise teve como referência o clássico livro de Pontes (1987) e a tese de Araújo (2006), que descreve a dinâmica do tópico enquanto elemento sintático e discursivo simultaneamente. Obras diretamente relacionadas a estas ou que lhes deram subsídios teóricos também foram consideradas como suporte de análise e definição.

#### 3.2 O Tópico enquanto elemento semântico-discursivo

As pesquisas sobre as Construções de Tópico (CT) no Português Brasileiro (PB) têm seu início marcado pelo trabalho de Eunice Pontes (1987), no qual se descrevem e analisam as produções de tópico por ela encontradas na fala dos brasileiros. Pontes (1987) traz esclarecimentos quanto à identificação do tópico, bem como explora o seu funcionamento nas sentenças do PB. Em concordância com Li e Thompson (1976) e Chafe (1976), a autora apresenta a definição para tópico, em uma perspectiva discursiva, como um quadro de referência para uma enunciação que será feita em seguida, o que se pode observar em um exemplo retirado do texto:

(1) “Essa bolsa as coisas somem aqui dentro” (PONTES, 1987. Grifo nosso.)

Percebemos a presença de uma oração completa, “as coisas somem aqui dentro” e mais um elemento, em posição inicial - “Essa bolsa” -, criando este o quadro de referência, aquilo sobre o que se fala, em relação ao enunciado que aparece a seguir. O elemento “Essa bolsa”, por se constituir como algo sobre o que se fala, como um quadro de referência, pode figurar discursivamente como tópico, conforme Pontes (1987). Não se pode esquecer ainda que o tópico, por/para funcionar como quadro de referência, precisa ser de conhecimento partilhado entre os interlocutores, mesmo que esta partilha não seja verbalizada, como provavelmente aconteceu no caso de “essa bolsa”. A frase não faria sentido para o ouvinte se a bolsa não fosse do conhecimento de ambos ou somente do falante, seja por ter sido inserida

como referente identificável na conversa anteriormente, seja pelo fato de figurar no contexto situacional no momento da enunciação. Uma vez que o elemento “essa bolsa” atende às especificidades aqui trazidas com base em Pontes (1987), podemos dizer que ele é discursivamente classificado como tópico.

A partir de Lambrecht (1996), Araújo (2006) analisa a conceituação do tópico sob o prisma discursivo, considerando suas características semântico-pragmáticas e funcionais e estabelecendo a relação entre a estrutura da informação e a estrutura gramatical. Assim, Araújo (2006) mostra como se dão as influências entre estas estruturas e qual é o reflexo desta interação na ordem dos constituintes da sentença.

A autora fala sobre “O caráter de ‘ser sobre’” com as noções sintáticas e discursivas do tópico, não sendo ele apenas um elemento deslocado, ou externo à oração, mas também uma referência sobre o que trata a oração/comentário. O tópico é, portanto, uma espécie de “guia”, do ponto de vista discursivo, que, por ter este valor semântico-pragmático, é situado pela sintaxe na periferia da sentença. Quanto à estrutura da informação, Araújo (2006) reflete sobre a oposição entre informação “dada” e informação “nova”.

A informação dada constitui o conhecimento detido por todos os interlocutores. A informação nova é apreendida por apenas um deles no momento da comunicação. Sempre é do falante/escritor que parte a noção de informação nova ou dada, ou seja, é ele quem faz a pressuposição sobre o conhecimento ou não do seu interlocutor em relação ao que vai ser falado/escrito. Apesar de o conceito ser simples e relativamente estável, a terminologia varia entre as seguintes opções de acordo com o modelo teórico: tema/rema, tópico/comentário, tópico/foco e foco/*background*.

Araújo (2006) estabelece ainda uma classificação para os três pares de termos utilizados: a) pressuposição/asserção; b) informação velha/nova; e c) tópico/foco. Embora não sejam sinônimos, estes pares se correlacionam aos mesmos elementos linguísticos, mas a partir de perspectivas diferentes. O primeiro par faz parte da perspectiva cognitiva, “[pressuposição e asserção] não são, portanto, realizadas em elementos linguísticos, mas evocadas a partir deles” (Araújo, 2006, p. 58). O segundo par funciona como a correspondência do primeiro no campo da semântica, partindo sempre do ponto de vista do falante/autor, como já explanado. O último, por sua vez, tem a sua função na sintaxe, a partir da distribuição dos constituintes. Esta definição associa-se à noção de tópico como quadro de referência para a afirmação que será feita, uma vez que, a partir da realização do tópico, o falante/autor provoca o seu ouvinte/leitor a evocar um conjunto de pressuposições. Junto à parte da pressuposição, a oração contém a asserção (do ponto de vista cognitivo), a



informação nova (em termos semânticos), ou o foco (na sintaxe).

Em resumo, quando se tem a referência ao tópico, cognitivamente, está-se falando de um elemento que faz parte da pressuposição e, semanticamente, da informação velha; assim como a referência ao termo foco implica um elemento que, cognitivamente, faz parte da asserção e, semanticamente, da informação nova (ARAÚJO, 2006. p.61)

Assim, faz-se necessário definir características que definem o tópico do ponto de vista semântico discursivo. Segundo Lambrecht (1996), o tópico precisa ser *referencial*, *identificável* e *acessível*.

### 3.2.1 Referencialidade

Referencialidade é a propriedade que uma expressão linguística tem de representar um elemento específico do mundo. Essa relação se dá de acordo com o contexto, conforme se pode observar no exemplo a seguir:

(2) “O campus, eu não vi, não tive a oportunidade de ir” (NURC-70/Salvador\_118)

É possível perceber que o falante está se referindo a algo específico através da expressão *campus*, que estabelece relação direta de significado com um referente no mundo. Entretanto, a interpretação de QUAL seria o *campus* a que o falante se refere só é possível dentro de um contexto, podendo mudar caso o contexto da enunciação seja alterado.

Além do reconhecimento da referência pela própria situação enunciativa, podemos observar a presença do artigo definido, que remete, de modo geral, a um elemento específico. A frase teria sentido completamente diferente se apenas o artigo fosse alterado, como se verifica em (2'):

(2') Um campus, eu não vi, não tive a oportunidade de ir

Escrita dessa forma, a expressão perde sua Referencialidade, pois não mais estabelece relação de significado com uma entidade determinada no mundo. A palavra *campus* pode se referir a qualquer lugar onde se empreendem atividades acadêmicas, não destaca um desses lugares em relação aos outros. Assim, o ouvinte não tem a possibilidade de recuperar um referente a partir da expressão linguística, então esta não pode ser considerada como tópico,

uma vez que não estabelece quadro de referência para um comentário posterior.

A presença do artigo definido é considerada como uma comprovação da Referencialidade do tópico, assim como as orações relativas e os substantivos próprios, conforme exemplos:

(3) *Campus* que fica na Ondina, só existe o da UFBA

(4) *Campus* Alagoinhas, eu nunca fui.

Apesar disso, é possível que existam tópicos com artigos indefinidos, desde que a expressão não perca sua Referencialidade no contexto. Observemos (5):

(5) “Um navio desses, geralmente, **ele** tem as cabines de passageiro” (NURC-70/Salvador\_354)

Nessa situação, embora pareça que o tópico “um navio desses” não tenha referencialidade (devido à presença do artigo indefinido), podemos entender que o falante se apoia em um elemento específico no contexto de enunciação para estabelecer referência com outros, semelhantes. Essa estratégia é conhecida como ancoragem ou referência indexada.

A ancoragem permite que uma expressão tenha a sua referencialidade garantida em contextos de indeterminação do sintagma – como ocorre no exemplo acima. No momento da enunciação de (3), o falante se refere a um navio presente no contexto discursivo (o navio tinha sido anteriormente mencionado), o que se atesta pela presença do pronome “desses”. É a partir dessa referência que o ouvinte construirá a referencialidade da expressão. Ele sabe que, embora “um navio desses” possa representar vários navios, o comentário que segue o tópico é válido apenas para aqueles que tenham como referente o navio que se apresenta no contexto da enunciação. Temos, então, que, a partir da ancoragem, é estabelecido um índice que sustenta a referencialidade de uma expressão cujo referente não seria de conhecimento prévio do ouvinte. Portanto, independente da condição do artigo, o tópico deve ser portador de um traço [+definido] para garantir a sua Referencialidade. Esse traço pode ser formalizado por um artigo definido, mas também por outros elementos, como pronomes demonstrativos ou possessivos e orações relativas.

### 3.2.2. Identificabilidade

Outro ponto crucial na definição semântico-discursiva do tópico é a identificabilidade, que é o julgamento do falante/autor sobre a possibilidade de uma expressão remeter ou não o seu interlocutor ao referente desejado. Uma expressão é identificável quando o ouvinte pode recuperar o seu referente e esse referente é o mesmo de que trata o falante. Se este considera que uma expressão é identificável em um contexto, então ele conta com a capacidade de o seu interlocutor fazer pressuposições a partir desta expressão. Com isso, o falante admite a possibilidade de construir um comentário relacionado ao tópico (expressão identificável que evoca pressuposições). Vejamos como isso ocorre em (2), retomado aqui como (6):

(6) “O campus, eu não vi, não tive a oportunidade de ir” (NURC-70/Salvador\_118)

Pode-se inferir que o termo “O *campus*” é identificável, pois foi considerado pelo falante como uma expressão de referente recuperável pelo ouvinte através do contexto linguístico (caso o *campus* já tenha sido anteriormente mencionado) ou do contexto situacional (caso o diálogo tenha ocorrido nas proximidades do *campus* mencionado). Outra possibilidade é que o falante tenha confiado na memória do ouvinte para resgatar o referente. Caso não haja nenhum elemento no contexto ou no discurso que faça esse papel, o falante pode contar com a possibilidade de o ouvinte recuperar o referente de um tópico – nesse caso, “O *campus*” – através da sua memória. Se nenhuma das três possibilidades existisse, provavelmente, a frase não teria sido produzida desta forma, pois o falante só estabelece um quadro de referência (a partir de um tópico) se considerar que o conteúdo desse quadro é uma informação “dada”, ou seja, uma informação de conhecimento compartilhado entre os interlocutores.

Uma vez que o tópico é constituído por uma informação de conhecimento compartilhado entre os interlocutores, não é suficiente apenas o falante julgue a expressão identificável. É necessário também que ele considere a informação identificável para o seu interlocutor.

### 3.2.3 Acessibilidade

Para que o processo comunicativo através de uma CT tenha êxito pleno, é necessário ainda que o referente seja, de fato, acessível ao ouvinte. Isso quer dizer que um conjunto de pressuposições deve ser trazido à tona espontaneamente pelo ouvinte para que o tópico funcione realmente como um quadro de referência.

Para que um elemento seja acessível, é necessário que seja identificável. Isso ocorre caso ele tenha sido mencionado em algum momento do discurso, que tenha feito parte do conteúdo da comunicação implicitamente ou a partir do contexto de interação. Analisemos o exemplo a seguir:

(7) “O David, *naquele dia*, acho que Ø leu as coisas mais rápido do que o habitual” (V7\_PE)

O elemento “O David” representa o filho do entrevistado, sobre o qual se estava falando durante a entrevista (isso o torna identificável), portanto é evidente que a referência desse SN é acessível ao ouvinte, já que lhe permite evocar pressuposições acerca do elemento.

Com base no que foi exposto até o momento, é possível listar algumas propriedades semântico-discursivas e pragmáticas do tópico:

- O tópico tem como função estabelecer um cenário discursivo para o que vai ser dito, ou seja, direciona a interpretação que o ouvinte/leitor fará do comentário
- O tópico conecta o que já foi dito, ou é de conhecimento prévio com uma informação nova.
- O tópico deve ser acompanhado de um comentário para ser assim entendido.
- Um elemento linguístico, para ser tópico, sofre restrições semânticas, como a de referencialidade, visto que ele precisa de um referente recuperável para ativar as pressuposições ou ser considerado informação pressuposta.
- O tópico precisa ser um elemento com traço [+definido].
- O referente do tópico pode estar presente no contexto discursivo, ou pode ser resgatado a partir da memória do ouvinte/leitor.

A partir desse conjunto de informações e dos conceitos explorados nesta seção, compreendemos que não existe a possibilidade de se identificar e estudar o tópico isoladamente das suas propriedades discursivas e, portanto, contextuais.

### 3.3 O Tópico enquanto elemento sintático

De acordo com o que explicitamos na seção anterior, o tópico se define discursivamente como um quadro de referência para algo que vai ser dito. Foi apontado também que, do ponto de vista da estrutura da informação, o tópico carrega conhecimentos compartilhados entre os interlocutores, enquanto o comentário é constituído por uma informação nova para o ouvinte/leitor, geralmente chamado de foco. Quanto à sintaxe, entretanto, a definição do tópico obedece a outros critérios, dos quais trataremos nesta seção, como o fato de ser um elemento sintático deslocado à esquerda da frase, não obrigatoriamente selecionado pelo verbo. O estudo do tópico à luz da sintaxe, além dos motivos já mencionados, faz-se imprescindível também pelo fato de possibilitar mais precisão na distinção entre tópicos e sujeitos.

O texto de Pontes (1987) fornece as primeiras bases para o entendimento acerca do tópico quanto ao seu caráter discursivo – embora também faça considerações a respeito de aspectos sintáticos –, mas a compreensão do fenômeno tem se tornado mais vasta sintaticamente desde os estudos de outras autoras, como Mary Kato e Charllotte Galves, entre o final dos anos 80 e início dos 90, além de Araújo (2006). Esta última discute a dupla orientação do tópico (discursiva e sintática), possibilitando uma visão mais ampla sobre o fenômeno a partir das observações feitas por Lambrecht (1996), que estabelece a relação entre a estrutura da informação e a estrutura gramatical, na intenção de entender como se dão as influências entre elas e qual é o reflexo dessa interação na ordem dos constituintes da sentença.

Araújo (2009, p. 232) considera o tópico como “um sintagma nominal, lexical ou pronominal que se realiza numa posição geralmente deslocada à esquerda, [...] em torno do qual é construído um predicado ou comentário”. Com base na definição da autora, podemos analisar o exemplo em (8) e atestar que só o SN “O pneu” enquadra-se no que se entende por tópico, já que se posiciona periféricamente e estabelece referência para um comentário posterior, conforme discutido na seção anterior:

(8) “O pneu, *ele* tem uma borracha especial com alguma parte dentro da borracha que é aderente.” (NURC-70/Salvador\_354)

Desta forma, temos que o SN “O pneu” é um tópico retomado no interior do comentário pelo pronome sujeito “ele”. O tópico localiza-se em TopP, na camada CP (Rizzi, 1997) da estrutura sintática, para onde os sintagmas são movidos em função da checagem de traços discursivos.

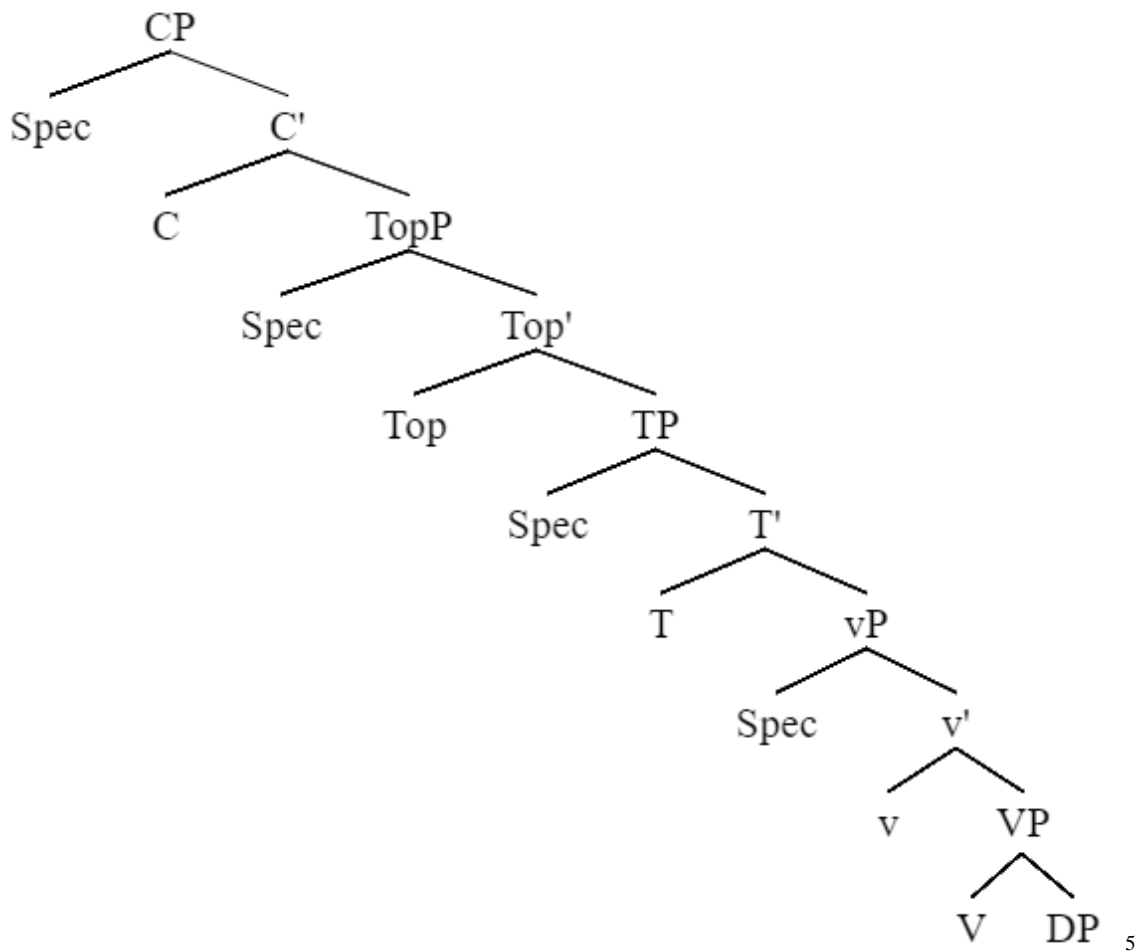
Kato (1989) e Galves (1998) reafirmam a posição periférica do tópico na sentença. Essa posição está de acordo com a cartografia sintática proposta por Rizzi (1997, 1999), segundo a qual, na camada CP, o tópico ocupa a posição Spec, Top.

Para ocupar uma posição nessa estrutura, é necessário que o elemento atenda a algumas especificidades semântico-sintáticas – e, no caso dos elementos de CP, discursivas –, sobre as quais versaremos ainda neste capítulo. Para tanto, é necessário compreender a organização sintática dos constituintes proposta pelo autor.

Nessa organização, destacam-se as três camadas de análise: a lexical (vP), onde ocorre a inserção dos elementos lexicais, chamada primeiro *merge*<sup>4</sup>; a flexional (TP), para onde os elementos se movem a fim de checarem traços flexionais/morfológicos; e a camada discursiva (CP), onde os elementos verificam seus traços discursivos. O tópico se encontra no Spec do núcleo Top dessa última camada, podendo ou não ser retomado por outro elemento no interior da oração (em IP ou vP). Ilustramos na árvore sintática abaixo todas as posições projetadas, lembrando que, segundo o Programa Minimalista de Chomsky (1999), as posições são projetadas apenas se necessárias, ou seja, se houver requisição de checagem de traços. A estrutura abaixo apresenta todos os núcleos e Specs projetados para fins didáticos:

---

<sup>4</sup> Merge é a concatenação ou a entrada de elementos na derivação da sentença, portanto é a operação básica da derivação sintática. O *merge* externo ocorre na primeira fase da derivação, quando elementos do léxico são selecionados para constituir o objeto sintático. O *merge* interno corresponde aos movimentos que os constituintes realizam no interior da estrutura sintática.



Dada a estrutura, é importante ressaltar que há, sintaticamente, dois tipos de tópico. Um se constitui de tópicos não-argumentais, que têm seu primeiro *merge* em CP, chamado *merge* externo, conforme exemplo (9):

(9) “telefone, a gente tem que ter muito cuidado” (V14\_PB)

Essa ocorrência foi extraída de um contexto em que a informante respondia à pergunta “É preciso colocar o telefone no currículo?”. Percebemos, então, que há uma sentença completa que se refere ao tópico “telefone”, mas que este não tem referente no interior da sentença. Isso quer dizer que o SN não foi movido para Spec, Top, mas já sofreu nesta posição o seu primeiro e único *merge*. Isso acontece quando o elemento não tem traços para checar, nas camadas mais baixas da estrutura, o que o leva a ser inserido (sofrer *merge*) diretamente em TopP para checar o traço [TOP].

<sup>5</sup> Figura 1 – Figura criada por nós através da ferramenta Syntax Tree Generator.

Pontes (1987) já apontava para este fato, trazendo exemplos em que o tópico estabelece apenas uma relação semântico-discursiva com o verbo e com o restante da sentença. Portanto, não há obrigatoriedade de ligação sintática entre o tópico e qualquer outro elemento da oração que se constitui como comentário, como se pode observar em (9) e também em (10):

(10) “As cadeiras optativas, cê precisa ter um bom conhecimento primeiro.” (PONTES, 1987. Grifo nosso.)

Qualquer reorganização de (9) ou de (10) que venha a incluir o tópico como elemento pertencente ao interior das sentenças, sintaticamente ligado ao verbo, será forçosa e artificial. Além disso, é preciso considerar a espontaneidade da enunciação do falante, que produziu a frase exatamente como está transcrita, de forma natural. Pontes (1987) adiciona:

A frase [...] não deve ser entendida como se o SN “as cadeiras optativas” tivesse sido deslocado para a esquerda a partir de algo como “Você precisa ter um conhecimento bom primeiro das cadeiras optativas”, mas sim como “As cadeiras optativas, cê precisa ter um conhecimento bom primeiro, antes de cursá-las”. No contexto em que foi dita, ficou evidente esse sentido. Parece-me impossível formular uma transformação de topicalização para este tipo de construção. (p. 14)

Por outro lado, há um tipo de tópico que é estabelecido com base em *merges* internos, ou seja, em movimentos de um constituinte argumental de posições mais baixas para Spec, Top – passando pelas posições intermediárias que forem necessárias, conforme Rizzi (2004). Analisemos o exemplo (11) a seguir:

(11) “O betacaroteno, **ele** vai ajudar na produção da melanina” (V19\_PB)

A retomada pelo pronome “ele” no interior da sentença atesta que o tópico “O betacaroteno”, na periferia, não foi inserido diretamente na posição Spec, Top, mas se moveu para esta posição, tendo sofrido *merge* externo em VP e interno para Spec, vP e, posteriormente, Spec, TP, até chegar a Spec, TopP.

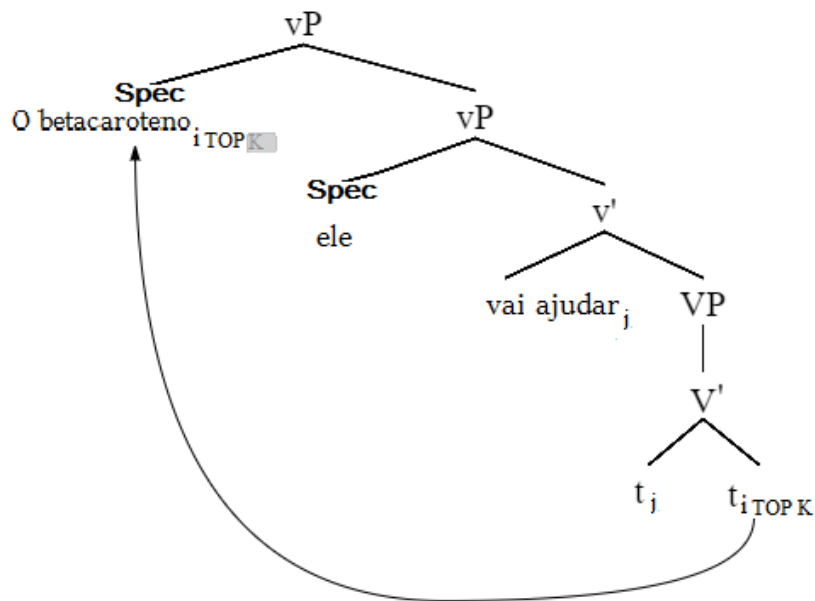
De acordo com Rizzi (2004), os elementos sempre se movem para atender a propriedades interpretativas **s-selecionais** (como os papéis temáticos de *experienciador*, *agente*, *paciente*, *tema*, *alvo*, *meta*) e **criteriais** (como *Top*, *Foc*, *Q* e *R*). Um elemento é concatenado (*Merge*) em vP/VP portando todos os traços s-selecionais e criteriais que



precisarão ser checados na estrutura sintática. Na primeira fase, o elemento checa traços s-selecionais, ou seja, traços semânticos. Os traços flexionais e sintáticos não são checados nesta fase, então o sintagma se move para a segunda fase, TP, checa os traços flexionais e, caso haja traços discursivos (criteriais), o sintagma se move para a terceira fase, CP, onde efetua a checagem.

Percebemos na representação abaixo, referente ao exemplo (11), retomado como (12), o primeiro *merge*, quando os elementos são selecionados do léxico para a sintaxe. O sintagma já entra na computação portando uma série de traços morfológicos, sintáticos, semânticos e discursivos. São estes traços que vão conduzir aos movimentos dentro da estrutura sintática. Na primeira fase, o DP “O betacaroteno” é concatenado em VP para que seja checado o seu traço de Caso. Em seguida, o sintagma se desloca para Spec, vP, realizando o segundo *merge*, ou *merge* interno:

(12) “O betacaroteno, ele vai ajudar na produção da melanina” (V19\_PB).

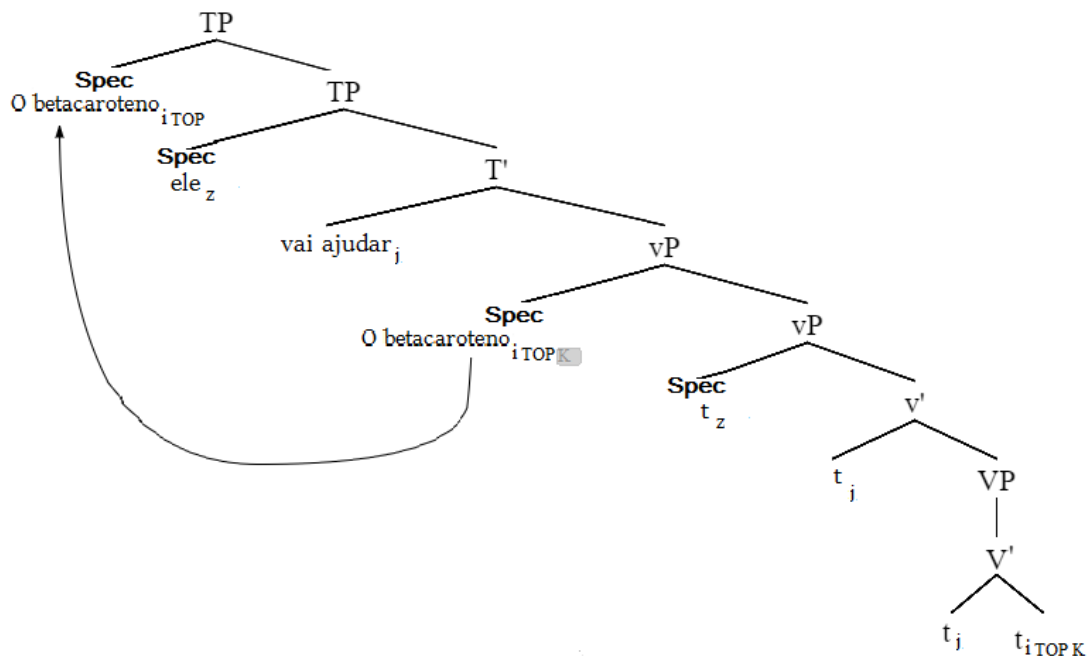


6

É válido lembrar que, segundo Chomsky (2001), a projeção máxima pode apresentar quantos Specs forem necessários. No caso analisado, a projeção de um segundo Spec se dá pela necessidade de uma posição intermediária para que o DP possa subir para a camada CP e checar o traço de [TOP]. Esse movimento é validado como operação de último recurso, uma

<sup>6</sup> Figura 2 – Figura criada por nós através da ferramenta Syntax Tree Generator.

vez que precisa se tornar visível para a computação na fase seguinte. Segundo o minimalismo, a computação evita sobrecarga ao apagar cada núcleo após a checagem de traços. Por ainda precisar checar o traço discursivo, o DP necessita ser movido para uma posição superior, liberando o apagamento de VP e ficando visível para as operações da próxima fase. Nesta, como não há traços a serem checados em TP, a operação de último recurso se repete. O elemento é movido para a camada Spec, TP, posição intermediária, tornando-se visível para as operações da terceira fase. O movimento para Spec, CP, por sua vez, não acontece mais para que o elemento se torne visível, mas por se dar naquela posição a checagem do traço [TOP] que o DP carrega.

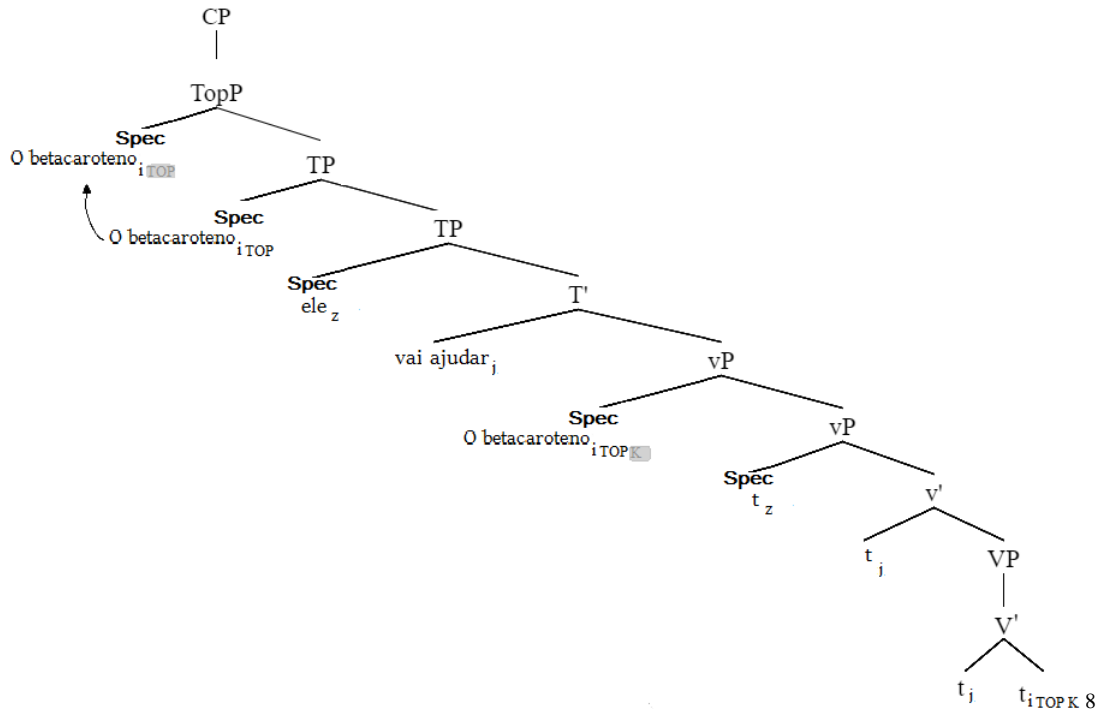


7

Sobre posições intermediárias, Rizzi (2004) assume que elas são consideradas posições por onde elementos sintáticos devem passar para alcançar posições mais altas, e que desencadeiam fenômenos morfossintáticos, como a concordância do particípio passado, que pode ser percebida em algumas línguas, como português e inglês. O movimento para essa posição é aplicado pela Teoria da Localidade, que afirma que o movimento não pode ser longo, ou seja, expressões linguísticas podem ser estendidas indefinidamente devido à natureza recursiva do sistema computacional, porém cada elo da cadeia deve ser composto

<sup>7</sup> Figura 3 – Figura criada por nós através da ferramenta Syntax Tree Generator.

localmente. É por causa dessa lógica que o tópico passa por posições intermediárias, em vP e em TP, antes de subir para CP.



Finalmente, o DP chega a Spec, TopP, onde checa o traço discursivo  $[TOP]$  e a sentença é liberada para Spell-out. Percebemos que, em situações de tópicos que sofrem *merge* interno, o sintagma é concatenado em uma posição muito baixa na sentença, mas, graças aos movimentos que realiza para efetuar as checagens de traços, acaba se estabelecendo em uma posição alta. Esses movimentos, entretanto, acontecem conforme uma ordem, uma cadeia.

Na proposta desenvolvida por Chomsky (2000) para movimentos de argumentos (cadeias-A), traços morfossintáticos *s-selecionais* não-interpretáveis são assumidos como pré-requisitos. Isso significa que os elementos só realizariam movimentos entre posições argumentais motivados por traços morfossintáticos *s-selecionais*, como o traço de papel temático. Rizzi (2004) complementa, assumindo que traços *criteriais* interpretáveis também desencadeiam movimento, mas não-argumentais (cadeias-A'). Para o autor, existem movimentos que são desencadeados por traços *criteriais* interpretáveis (cadeia-A'), também chamados por ele de substantivos, e às vezes há movimentos que são desencadeados por traços formais, não-interpretáveis (cadeia-A).

Considerando todas as peculiaridades apresentadas, listamos as características sintáticas que o tópico deve possuir:

<sup>8</sup> Figura 4 – Figura criada por nós através da ferramenta Syntax Tree Generator.

- O tópico pode ser um pronome, um sintagma nominal, lexical ou preposicionado, localizado à periferia da sentença.
- O tópico pode ou não ser argumental.
- O tópico pode ou não ser retomado no interior da sentença.
- O lugar do tópico na cartografia sintática proposta por Rizzi (1997, 1999) é em Spec, Top, que fica na camada CP.
- Além de constituir um fenômeno bifacetado entre sintaxe e discurso, o tópico possui traços criteriais. Por esses motivos, precisa se mover para a camada CP da estrutura sintática, onde realiza a checagem desses traços.
- A relação entre o tópico e os elementos do interior da sentença não é sintaticamente obrigatória, motivo pelo qual o tópico nem sempre desencadeia concordância.

### 3.4 Síntese do capítulo

Diante dos aspectos explorados nesta seção, fica evidente a necessidade de uma análise não apenas discursiva, mas também sintática sobre o fenômeno das CT. Da mesma forma, é perceptível que o estudo do tópico exclusivamente à luz da sintaxe é inviável, uma vez que este elemento é também discursivamente motivado e delimitado.

É necessário entender a estrutura de ordenamento dos constituintes na sentença a partir das interações entre os módulos da sintaxe e da estrutura da informação, que permitem o atendimento tanto de requisitos sintáticos quanto discursivos, tornando essas construções possíveis. Somente a sintaxe é responsável pela ordem dos elementos linguísticos, mas a análise da estrutura da informação permite identificar a motivação pragmática da forma gramatical. A estrutura da informação tem a função de informar o estatuto informacional do elemento linguístico: se dado, ou novo. É a partir do estabelecimento desses valores que a sintaxe determina a ordem gramatical dos elementos. O estudo do tópico, nesse sentido, só é possível se levar em conta a estrutura da informação em união com a sintaxe.

Se a função do tópico é estabelecer um quadro referencial sobre o qual será feito um comentário, é possível dizer que o tópico conecta informações “dadas”, compartilhadas entre os interlocutores, com informações novas. Assim, o tópico só existe como tal se, a respeito dele, for feito um comentário que apresente uma informação nova, ou seja, que tenha condição de relevância, conforme Brito, Duarte, Mattos (2003). Essa condição é garantida a

partir do momento em que o conteúdo do comentário feito em relação ao tópico apresenta informações que são apenas de conhecimento do falante (segundo sua própria análise sobre conhecimento do ouvinte) e que podem ter algum interesse para o interlocutor.

Ao mesmo tempo, é necessário considerar as peculiaridades sintáticas que envolvem o tópico. Com o lastro do Programa Minimalista, proposto por Chomsky (1999, 2000, 2001), é possível compreender os fenômenos sintáticos que são envolvidos na produção do tópico. Em especial, destaca-se a ideia de movimentos realizados a partir das características dos traços carregados pelo objeto sintático. As operações sintáticas baseadas em um sistema de traços pressupõem uma computação muito mais “leve”, tornando possível a computação rápida e eficiente de estruturas linguísticas complexas.

A cartografia sintática proposta por Rizzi (1997, 2001) também contribui para o estudo desse fenômeno, uma vez que determina as posições ocupadas pelos sintagmas que têm o traço [<sub>TOP</sub>]. Entre essas posições, destacam-se as intermediárias, que são propostas do Programa Minimalista para lidar com as operações “curtas” da sintaxe. De acordo com o filtro da localidade, apenas núcleos e Specs de uma camada são visíveis para a camada superior. As posições intermediárias são, portanto, Specs abertos entre uma camada e outra para abrigar elementos que precisam ser “vistos” pela camada superior, mas se encontram em uma posição “invisível”. Rizzi (1997, 2001, 2004) se vale desse recurso para detalhar as condições sob as quais se realizam os deslocamentos à esquerda das sentenças. No caso do tópico, atuam as posições intermediárias Spec, vP e Spec, TP, quando o sintagma é gerado na base, para que este alcance a posição Spec, TopP. Outra possibilidade é que o tópico não tenha traços a serem checados nas camadas mais baixas da derivação e sofra seu primeiro *merge* já na posição Spec, TopP. Na superfície da estrutura, notamos a ocorrência desses casos quando o tópico não estabelece relações sintáticas com nenhum outro elemento no interior da oração.

## CAPÍTULO 4

### Classificação e Resultados

#### 4.1 Sobre o capítulo

Este capítulo é dividido em duas partes: a primeira dedica-se às classificações adotadas por nós para identificar os tipos de CT que poderiam ser encontradas nos *corpora*. A segunda corresponde à exposição dos resultados alcançados após investigação dos *corpora* e identificação das ocorrências por tipo.

#### 4.2 Classificação das Construções de Tópicos

A classificação dos tópicos obedece a critérios sintáticos e semânticos que foram avaliados durante a análise. Neste capítulo, explicaremos as classificações utilizadas na análise das ocorrências coletadas com base essencialmente na proposta de Araújo (2006), pois esta resulta de uma minuciosa revisão bibliográfica e apresenta um quadro de tipificação o mais amplo e completo possível. Isso nos permite interpretar com precisão e coerência todas as ocorrências encontradas, o que leva a análises mais apuradas e consistentes.

Organizamos a classificação de acordo com os tipos de tópico. Descreveremos cada tipo, ressaltando as características que permitem a sua identificação, e exemplificaremos com sentenças reais e espontâneas de brasileiros e/ou portugueses, retiradas dos *corpora* em análise.

##### 4.2.1 Tópico Pendente

Assim como Brito, Duarte e Matos (2003), Araújo (2006) julga que as construções de Tópico Pendente são aquelas em que não há relação sintática de caso, tema ou referencialidade entre o tópico e qualquer elemento do interior da sentença, sendo mantida apenas a relação semântica e obedecendo à Condição de Relevância.

A autora adiciona que são tópicos pendentes os DPs que são antecidos por marcas formais de tópico, como as expressões “em relação a...”, “quanto a...”, e “sobre...”.

(1) “Os dois LPs que eu conheço, que são os «mudam-se os tempos mudam-se as vontades» e a «margem de certa maneira», acho que há um, um cuidado bastante na interpretação”

(crpc\_1242)

(2) “Em relação aos filhos... Porque o poder paternal não pode ser tirado, quer dizer, a... Paternidade já se sabe que, evidentemente, tem que existir, mas o poder paternal não pode passar para a mãe” (crpc\_53)

Os tópicos que encontramos com marcas formais sem retomada no interior da oração, como ocorre em (3), foram classificados como Tópicos Pendentes (TP), junto com os tópicos pendentes sem marcas formais.

(3) “em relação, especificamente, ao adicional, a discussão que existira é se quem trabalha apenas um dia por semana estará sujeito a esse risco ou não.” (V23\_PB)

#### 4.2.2 Tópico Pendente com Retomada (TPR)

Construções desse tipo, segundo a proposta de Brito, Duarte e Matos (2003), são aquelas em que o tópico estabelece, além da relação semântica, uma relação sintática com um elemento interior à oração, havendo concordância em traços sintáticos entre o tópico e o seu correferente. A retomada do tópico no interior da oração pode ser feita por uma expressão lexical ou por uma categoria vazia (em posição de sujeito).

Os casos de retomada por clítico em que o tópico é marcado por uma das expressões citadas acima como indicadoras de tópico, foram classificados como TPR, conforme proposta de Araújo (2006). Os exemplos em (4) e (5) representam, respectivamente uma retomada lexical e uma por pronome nulo:

(4) “(...) a gente, provavelmente, **a gente** só encontraria casas, assim, bem modernas”  
(NURC-70/Salvador\_173)

(5) “Nós, a gente aqui, pode, por exemplo, chover em novembro e de novembro para cá praticamente  $\emptyset$  não apanhámos água” (crpc\_673)

As retomadas de tópicos em posição de objeto direto são caracterizadas como TPR apenas se realizadas por pronomes plenos e SNs. Retomadas nulas em posição de objeto se enquadram como ETop ou TOD, conforme detalhado nas seções 4.1.4 e 4.1.5.

#### 4.2.3. Clitic Left Dislocation (CLLD)

Araújo (2006) classifica como CLLD as construções em que há retomada do tópico por um clítico. Ambos devem compartilhar do mesmo referente e da mesma função sintática, que, conforme a autora, seguindo proposta de Cinque (1990), pode ser de objeto direto, objeto indireto, locativo e complemento nominal. Exemplificamos esse tipo de construção com um tópico retomado por clítico em posição de objeto indireto e objeto direto, respectivamente:

(6) “O tribunal, só **lhe** interessa a regularização do poder paternal neste aspecto, a criança que fica com a mãe ou que fica com o pai, consoante o comportamento.” (crpc\_53)

(7) “As minhas horas de, de ócio - que são muito poucas, - também **as** ocupo na procura exactamente de, de móveis.” (crpc\_977)

#### 4.2.4 ETop (*English Topicalization*) ou LD (*Left Dislocation*)<sup>9</sup>

Conforme proposta de Raposo (1996), as construções classificadas como ETop foram aquelas que apresentaram, na condição de tópico, um objeto direto com retomada nula no interior da oração. Esse tópico deveria ainda ser desprovido de marcas de determinação, como artigos definidos:

(8) “Capoeira lógico que eu distinguiria **ø**” (NURC-70/Salvador\_125)

(9) “Rádio também a gente pode encontrar **ø** a pilhas” (NURC-70/Salvador\_173)

Os elementos correferentes ao tópico no interior das orações em que ocorre o ETop, segundo Raposo (1996), não são pronomes nulos, mas variáveis sintáticas (vestígios) resultantes de movimentos na sintaxe visível. Portanto, é necessário analisar cuidadosamente a relação entre o tópico e o seu elemento correferencial no interior da oração para se identificar as construções de ETop.

#### 4.2.5 Topicalização de Objeto Direto (TOD)

Os tópicos considerados como TOD são semelhantes aos que acabamos de descrever

---

<sup>9</sup> Segundo Araújo (2006), Raposo (1996) “considera [a ETop] similar, na forma e na função, às construções do inglês estudadas por Chomsky (1977), a LD”. Com base nessa semelhança, não faremos distinção entre ETop e LD. Sinalizaremos sempre que necessário sobre esta decisão terminológica.



como ETop ou LD, mas apresentam a característica de serem sempre objetos diretos determinados na posição de tópico, conforme exemplo em (10) e (11):

(10) “A Bahia antiga eu acho Ø espetacular” (NURC-70/Salvador\_100)

(11) O funcho, temos Ø em seco e temos o... o bulbo... portanto, o tubérculo do funcho.

(V15\_PE)

Em ambas as circunstâncias, é possível observar que o objeto direto movido para a posição de tópico e retomado por um pronome nulo é definido, caracterizando a classificação de TOD, mas não de ETop. Portanto, além da determinação ou não do tópico, outra diferença substancial entre estas categorias reside no fato de que o tópico, em TOD, é retomado no interior da oração por um pronome nulo, enquanto, nas situações de ETop, o tópico realiza movimento para a camada CP deixando um vestígio no seu local de origem.

#### 4.2.6 Topicalização V2

Seguindo a proposta de Ribeiro (1996), Araújo (2006) classifica como Topicalização V2 as construções de tópico em sentenças cuja ordem SV (sujeito-verbo) dá lugar à ordem VS (verbo-sujeito). No nosso levantamento de dados, não encontramos ocorrências desse tipo nem na variedade brasileira, nem na portuguesa. Por esse motivo, resgatamos de Araújo (2006) um exemplo que ilustra a classificação em causa:

(12) “Por meu irmão me mandou Vossa Alteza Real segurar que nada me havia de suceder, que ficasse descansada.” (MA.48.181.pe.18)<sup>10</sup>

#### 4.2.7 Topicalização Selvagem

Essa classificação proposta por Brito, Duarte e Matos (2003) é adotada por Araújo (2006) e por nós na análise das ocorrências coletadas. O que se entende por topicalização selvagem é a subida de um PP para a posição de tópico, perdendo a sua preposição. Essa operação, de acordo com Brito, Duarte e Matos (2003), só é possível se a proposição for

<sup>10</sup> Exemplo extraído de Araújo (2006, p. 119)

desprovida de conteúdo semântico, tendo como função apenas a atribuição de caso. Além disso, conforme as autoras, essas construções só são possíveis em contexto de frase-raiz, atestando agramaticalidade (em PE) das frases que seguem:

(13) a. \*/? Todos sabem que essa cerveja, eu não gosto [-].

b. \*/? Imprime o ficheiro inteiro, embora esse relatório, acho que não precisamos [-] para a reunião hoje.

(BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 501 (40))

Em PB, entretanto, as duas frases são consideradas gramaticais, então aqui se coloca um problema na adoção integral do Tópico Selvagem para o nosso trabalho. Percebemos que há construções no PB que realizam topicalização de um DP extraído de PP com preposição lexical, como evidenciam os exemplos (21) e (22)

(14) “O América, a sede é muito bonita” (NURC-70/Salvador\_118)

(15) “As outras doenças, a transmissão é mais pelo contato com a água contaminada” (V16\_PB)

A preposição lexical “de”, que indicaria posse, é suprimida no processo de topicalização do DP “O América”. Ainda assim, a frase é boa no PB. Dessa forma, classificamos as ocorrências como Tópico Selvagem independente da oração em que se encontra o tópico e do caráter da preposição, mas com base apenas no apagamento desta em decorrência da topicalização.

#### 4.2.8 Tópico Sujeito

Assim como Araújo (2006), adotamos a proposta de Galves (1998) para a definição de Tópico Sujeito. A autora parte dos exemplos abaixo (retomados aqui como (16) e (17)) para classificar tópicos que assumem a função de sujeitos da oração.

(16) Carpete de madeira não empina. (GALVES, 1998, p. 20. Grifo nosso.)

(17) A cueca de dinossauros do Calvin está lavando. (GALVES, 1998, p. 20. Grifo nosso.)

Ela considera que os Tópicos Sujeitos podem ser DPs, fragmentos de DPs e PPs que

foram alçados para a posição TopP – para atender aos traços de EPP, conforme Chomsky (2010) – uma vez que a sentença não projetou argumento externo. É possível perceber que esses DPs argumentais, apesar de ocuparem a posição TopP (sendo, portanto, tópicos), podem, em alguns casos, desencadear concordância com o verbo e continuar gramaticais:

(16a) Carpetes de madeira não empenam. (GALVES, 1998. Adaptado. Grifo nosso.)

(17a) As cuecas de dinossauros do Calvin estão lavando. (GALVES, 1998. Adaptado. Grifo nosso.)

Nas construções desse tipo, é comum que alguns verbos (como *lavar*, do exemplo acima) não selecionem argumento externo e, portanto, um argumento interno (ou fragmento deste) é movido para uma posição superior, a fim de checar EPP. Há casos, porém, em que o verbo projeta argumento externo, mas, ainda assim, o EPP é satisfeito por outro sintagma, como se observa no exemplo abaixo:

(18) Meu celular descarregou a bateria.

Nesse exemplo, percebe-se que o argumento do verbo seria *A bateria do meu celular*, mas apenas *Meu celular* satisfaz EPP, exercendo a função de sujeito.

Na seção 4.1, expusemos os tipos de tópicos possíveis, conforme classificação adotada por Araújo (2006). Nos nossos *corpora*, o único tipo não encontrado foi Topicalização V2. O conjunto das ocorrências dos outros tipos de tópicos constitui o que chamamos de resultados, os quais se encontram organizados em tabelas quantitativas, no próximo item, por década do *corpus*, variedade da língua e tipo de construção.

### 4.3 Resultados

Este item abriga a exposição dos resultados obtidos após classificação dos dados levantados na fase inicial da pesquisa. Organizamos as informações de acordo com as décadas pesquisadas e com as variedades da língua. Cada seção parte de uma breve retomada da descrição do *corpus* de onde foram extraídos os dados, seguida por uma tabela, que expõe as quantidades de ocorrências coletadas por tipo de construção, e, finalmente, pelo desenvolvimento de uma análise sucinta, ressaltando os aspectos mais interessantes de cada

tabela.

#### 4.3.1 Resultados de 1970

Serão expostos nessa seção os resultados do levantamento de *corpora* do PB e do PE na década de 1970. Esses dados mostram a produtividade total de cada variedade e a produtividade de cada tipo de tópico.

- **Dados do PB-1970**

A investigação do PB, com base no *corpus* do NURC-70 da cidade de Salvador, resultou na coleta de 79 ocorrências de 8 inquéritos com 40 a 50 minutos, cada. Todos os informantes possuíam nível superior de escolaridade e residiam em zonas urbanas.

Abaixo, seguem os tipos e quantidades de ocorrências encontradas na pesquisa:

Tipo de Construção	Quantidade de ocorrências
TPR (Tópico Pendente com Retomada)	45
TP (Tópico Pendente)	16
TOD (Topicalização de Objeto Direto)	6
E <sub>Top</sub> ( <i>English Topicalization</i> )	6
TSelv (Tópico Selvagem)	4
CLLD ( <i>Clitic Left Dislocation</i> )	1
TS (Tópico Sujeito)	0
<b>TOTAL</b>	86

Tabela 1 – Ocorrências por tipo de tópico no PB 1970.

É possível perceber que há uma clara superioridade de ocorrências de TPR em relação aos outros tipos no PB da década de 1970. As construções deste tipo representam mais de 50% de todo o material coletado nesta década e nesta variedade. Entre essas ocorrências, destaca-se a retomada de tópicos em posição de sujeito, como exemplificado em (19) e (20):

(19) “A minha irmã mesmo, **ela** se dá bem com as estudantes” (NURC-70/Salvador\_231)

(20) “O avião grande, **ele** é bem mais seguro” (NURC-70/Salvador\_227)

Nos exemplos, observa-se que as retomadas são realizadas através de pronomes, classe predominante nas retomadas em posição de sujeito no PB de 1970, ocorrendo 26 vezes. Destas retomadas, 25 aconteceram com pronomes plenos, como nos exemplos explicitados. Apenas na ocorrência ilustrada em (21) foi encontrada uma retomada por pronome nulo:

(21) “Samba creio que  $\emptyset$  possa ser uma música regional” (NURC-70/Salvador\_125)

Em segundo lugar, as construções de TP totalizaram 16 ocorrências e têm como diferencial em relação aos outros tipos o fato de apresentar um tópico que não é retomado sintaticamente no interior da sentença. Observemos (22):

(22) “Esse tipo de prova descritiva, ela estudava, botava tudo na cabeça (...)” (NURC-70/Salvador\_231)

Além de não haver retomada no interior da sentença, essa frase também não tem marca explícita de tópico, como expressões do tipo “em relação a”, “quanto a” e “em se tratando de”, como se verifica em (23):

(23) “Em se tratando de uísque, ou você toma um uísque bom, ou não toma nenhum” (NURC-70/Salvador\_081)

Foram encontradas 3 ocorrências de tópico pendente com esse tipo de marca.

As construções de TOD apresentaram 6 casos e serão analisadas no capítulo 6, que tratará das ocorrências de retomadas em posição de objeto. O mesmo vale para as ocorrências de ETop, registradas também 6 vezes no *corpus*, e CLLD, encontrada uma única vez.

As T Selv foram encontradas 4 vezes no *corpus* de 1970 do PB:

(24) “O América, a sede é muito bonita” (NURC-70/Salvador\_100)

(25) “Boate, eu não vou aqui há anos” (NURC-70/Salvador\_100)

(26) “O sol a pino, gosto” (NURC-70/Salvador\_135)

(27) “O sol nascente, gosto” (NURC-70/Salvador\_135)

Os outros tipos de tópico foram muito menos frequentes que os três primeiros, o que já dá indícios sobre a configuração sintática do PB. Pode-se observar, por exemplo, que só foi

encontrada uma ocorrência de CLLD, o que condiz com a baixa produtividade de clíticos na fala brasileira. Por outro lado, surpreende a ausência de TS, um tipo de tópico considerado característico do PB (em oposição ao PE). Isso, entretanto, não determina nenhuma tendência sobre o PB, uma vez que as construções de tópico são sempre condicionadas pela sintaxe e pelo discurso. Assim, todo tópico depende da intencionalidade do falante, do contexto de produção, da relevância do conteúdo que será topicalizado, entre outros fatores que ainda precisam ser conjugados com os recursos sintáticos de que dispõe a língua.

- **Dados do PE-1970**

No PE, a partir do *corpus* disponibilizado virtualmente pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa - CRPC, coletamos 65 ocorrências de 62 inquéritos entre 4 e 6 minutos (cada) de conversação transcrita. Todos os informantes possuíam pelo menos 10 anos de escolaridade e residiam em zonas urbanas, sem influências de outras línguas.

Abaixo, segue a descrição das ocorrências quanto à sua classificação:

Tipo de Construção	Quantidade de ocorrências
TPR (Tópico Pendente com Retomada)	38
TP (Tópico Pendente sem Retomada)	12
CLLD (Clitic Left Dislocation)	11
TOD (Topicalização de Objeto Direto)	3
E <sub>Top</sub> (ou LD)	1
TS (Tópico Sujeito)	0
TS <sub>elv</sub> (Tópico Selvagem)	0
<b>TOTAL</b>	65

Tabela 2 – Ocorrências por tipo de tópico no PE 1970.

Assim como no PB, também se destacaram no PE as construções de TPR, com quase 50% do total. Na década de 1970, a retomada aconteceu 30 vezes na posição de sujeito, sendo 27 delas realizadas por pronomes, como se exemplifica em (28) e (29), e 3 por SNs, (30), (31) e (32):

(28) Eu, **eu** acho que isso é absolutamente lamentável (crpc\_187)

(29) Isto, **isto** é uma experiência, é extremamente importante. (crpc\_455)

(30) O juiz, normalmente **o juiz** que começa a sua carreira logo pela magistratura, e

normalmente assim sucede (crpc\_108)

(31) O dinheiro, porque se foram indivíduos que daqui saíram, se não são indivíduos que para aqui trazem **o dinheiro**, **o dinheiro** devia ser aplicado em benefício dessas regiões (crpc\_187)

(32) A difusão da língua portuguesa, não sei, qualquer que seja, digamos, a óptica política por que se encare o problema, não é, suponho que **a difusão da língua** será sempre um problema que interessa a todos (crpc\_457)

Diferentemente do PB, porém, as retomadas de sujeitos por pronomes plenos não foram as mais recorrentes no PE. Das 27 ocorrências de tópicos retomados por pronomes na posição de sujeito, 11 apresentaram retomadas por pronomes nulos, conforme (33) e (34):

(33) O pai nem se sabe onde  $\emptyset$  pára nem, nem onde  $\emptyset$  deixa de parar (crpc\_53)

(34) Tá bem, eu isso  $\emptyset$  concordo... (crpc\_1020)

Entre as 16 retomadas por pronome pleno, observamos que 11 acontecem logo em seguida a um tópico que também é pronome, tanto na oração principal quanto na subordinada, como ilustrado em (35) e (36), respectivamente:

(35) Eu, **eu** já reparei que é um dos factores que leva (crpc\_184)

(36) Estava sempre longe que ele, **ele** não se decidia a apanhar de vez, ou que não era capaz de apanhar... (crpc\_194)

Outras 4 ocorrências apresentam uma configuração semelhante, mas contam com a presença de material interveniente entre o tópico e a retomada:

(37) Eu, *então*, **eu** gostava imenso até de ter um colégio, ou uma casa qualquer, para me dedicar à investigação desses problemas. (crpc\_832)

(38) Eu, *portanto*, **eu** dizia que neste mundo frio, engessado, cheio de máquinas, que nós não podíamos negar a in(...) A, o, a parte espiritual e, e, e... Do homem (crpc\_93)

(39) Não, ele, *fisicamente*, *coitadito*, **ele** bem diz que tem uma boa perna, mas... Nós... Ainda é pior! (crpc\_122)

A última ocorrência de retomada pronominal foi um caso atípico no PE, mas muito

recorrente no PB:

(40) Os miúdos, por amor de deus, eles saem duma sala, têm dez minutos (...) (crpc\_221)

Neste *corpus*, as ocorrências de TP foram encontradas 12 vezes, sendo 7 com marcas explícitas, como em (41), e 5 sem marcas, como em (42):

(41) “Em relação a esse trabalho, até acho que tem prestado, de facto, bons serviços, por exemplo, no ensino da língua francesa. (crpc\_457)”

(42) “O peixe, às vezes há, às vezes há um bocadinho dificuldade.” (crpc\_129)

O terceiro tipo de tópico mais frequente, CLLD, é considerado como típico da variedade europeia e foi encontrado 11 vezes. Essa recorrência é esperada pelo fato de o sistema de clíticos se manter forte em Portugal, diferentemente do que ocorre no Brasil.

Três ocorrências de TOD e uma de ETop foram encontradas. Esses números também se distanciam dos resultados do PB, o que pode ser atribuído à maior tendência do PB a aceitar frases com objeto nulo, conforme Cyrino (2006). Analisaremos as ocorrências de CLLD, TOD e ETop mais detalhadamente no capítulo 6.

As construções de TS e Tselv corresponderam às expectativas e não foram encontradas em PE.

#### 4.3.2 Resultados de 2010

Nesta seção, assim como na anterior, estão expostas e classificadas as ocorrências do PB e do PE. Agora, entretanto, tratam-se de ocorrências extraídas dos *corpora* constituídos na década de 2010.

- **Dados do PB**

Os dados de 2015, conforme descrito no capítulo 2, referente à Metodologia, foram coletados a partir de entrevistas concedidas a programas de telejornal brasileiros de janeiro a agosto do ano de 2015. Os vídeos das entrevistas, disponibilizados na plataforma *online* da emissora Rede Globo de Televisão, foram analisados individualmente em busca de construções de tópico, que foram transcritas e classificadas, a fim de possibilitar a comparação que se segue. Neste processo, foram analisados 23 vídeos entre 5 e 10 minutos, totalizando aproximadamente 3 horas.



Abaixo, uma tabela representa as quantidades de ocorrências por tipo de construção encontradas na pesquisa:

Tipo de Construção	Quantidade de ocorrências
TPR (Tópico Pendente com Retomada)	67
TP (Tópico Pendente sem retomada)	8
TSelv (Tópico Selvagem)	2
TOD (Topicalização de Objeto Direto)	1
TS (Tópico Sujeito)	1
CLLD (Clitic Left Dislocation)	0
E <sub>Top</sub>	0
<b>TOTAL</b>	<b>79</b>

Tabela 3 – Ocorrências por tipo de tópico no PB 2010.

Assim como nos dados de 1970, o PB apresentou, em 2015, larga superioridade das construções de TPR em relação aos outros tipos. Entre as possibilidades de retomada do tópico, destacou-se, novamente, a pronominal em posição de sujeito, conforme exemplos (43) e (44):

(43) “Essa cartilha, **ela** fala sobre o ciclo de violência doméstica, de uma forma bem simples” (V19\_PB)

(44) “O organismo nosso, **ele** precisa, na verdade, de uma hidratação maior” (V17\_PB)

Das 67 ocorrências de TPR, 64 seguiram a estrutura sintática dos exemplos acima, inclusive utilizando o pronome pessoal, flexionando em número e gênero de acordo com a morfologia do tópico. Na década de 2010, as retomadas pronominais na função de sujeito mais que dobraram, aparecendo 64 vezes com menos tempo de escuta. A proporção de retomadas de tópico em posição de sujeito por pronomes tem, portanto, manifestado um aumento expressivo, enquanto outras possibilidades de retomada com a mesma função sintática estão provavelmente em decadência.

Das outras 3 retomadas, 2 foram realizadas em posição de sujeito, por pronome demonstrativo (45) e por pronome nulo (46), e uma em posição de objeto direto (47):

(45) “A jornada, **essa** é obrigatória.” (V4\_PB)

(46) “A adolescência, a gente costuma dizer que  $\emptyset$  é um transtorno que só o tempo vai curar” (V9\_PB)

(47) “O diagnóstico, é complicado de você ter **o diagnóstico** naquele momento” (V7\_PB)

Na década de 2010, o PB apresentou 8 casos de TP (dos quais, 3 marcados), mantendo a mesma proporção de ocorrências por tempo de escuta. Assim, não constatamos aumento ou decréscimo de produtividade nesse tipo de construção. Exemplos dessas ocorrências estão listados abaixo:

(48) “A prontidão, o empregado fica aguardando ordens dentro da empresa” (V7\_PB)

(49) “Inclinações mais acentuadas, é bom entrar em contato com a concessionária responsável” (V10\_PB)

(50) “Em relação às frutas, não [há quantidade ideal]” (V17\_PB)

(51) “Em relação, especificamente, ao adicional, a discussão que existira é se quem trabalha apenas um dia por semana estará sujeito a esse risco ou não.” (V18\_PB)

Desta forma, só podemos deduzir que as construções de TP continuam frequentes no PB, mas não indicam nenhuma alteração na gramática desta variedade entre 1970 e 2010.

Considerando-se o tempo de escuta, a proporção de ocorrências do tipo T Selv atendeu às expectativas com 2 casos:

(52) “Porque os 12% que ele recolhia de previdência, houve uma redução para 8.” (V4\_PB)

(53) “Telefone, a gente tem que ter muito cuidado” (V11\_PB)

Em 1970, o *corpus* do PB não apresentou ocorrências e, em 2010, apenas um caso de TS foi encontrado:

(54) “O rojão foi uma explosão de alto impacto numa criança de apenas dois anos” (V3\_PB)

Por ser considerado um tipo de tópico frequente e característico do PB, eram esperadas mais ocorrências de TS nesta variedade. Assim como não foi possível tecer análises sobre as T Selv, também não é possível fazer avaliações detalhadas sobre os TS com apenas uma ocorrência. Todavia, é interessante observar que a única ocorrência encontrada foi extraída do *corpus* de 2010, em concordância com o que dizem Orsini e Vasco (2007):

No que tange às construções de tópico-sujeito (...). Trata-se de uma estratégia

bastante recente no Português Brasileiro, própria das línguas orientadas para o discurso, e sua inserção no sistema está diretamente relacionada ao fato de o Português Brasileiro estar se tornando uma língua negativamente marcada para o Parâmetro de Sujeito Nulo (p. 06)

Apenas estudos futuros serão capazes de verificar até que ponto a perda do Parâmetro de Sujeito Nulo (que está em curso) levará ao aumento da produtividade de tópicos-sujeito, conforme indicam os autores, ou se outros fenômenos linguísticos podem levar a este resultado.

- **Dados do PE**

O *corpus* do PE, assim como o do PB, constituiu-se com base em entrevistas concedidas a telejornais e disponibilizadas na internet, conforme explicado na metodologia. Foram analisados 20 vídeos entre 5 e 10 minutos, totalizando cerca de 3 horas de escuta.

Abaixo, uma tabela representa a distribuição das ocorrências quanto ao tipo de construção:

<b>Tipo de Construção</b>	<b>Quantidade de ocorrências</b>
TPR (Tópico Pendente com Retomada)	13
TP (Tópico Pendente sem retomada)	2
TOD	1
ETop	1
TSelv (Tópico Selvagem)	1
TS (Tópico Sujeito)	0
CLLD (Clitic Left Dislocation)	0
<b>TOTAL</b>	18

Tabela 4 – Ocorrências por tipo de tópico no PE 2010.

As construções de TPR, assim como nos outros *corpora*, tanto do PE quanto de PB, foram numericamente superiores às demais. Entretanto, a totalidade de ocorrências do PE em 2010 foi muito inferior à do PB na mesma década ou em 1970. Além disso, é notável a redução de produtividade do PE entre 1970 e 2010.

No *corpus* de 2010 do PE, 9 retomadas apareceram em posição de sujeito. Essas retomadas aconteceram de várias formas: por pronomes nulos, por pronomes plenos, SNs cópias e demonstrativos:

a) Retomadas por pronomes nulos:

(55) “No caso, de facto, dos financiadores, é uma obrigação mais restrita de Ø serem auditados” (V6\_PE)

(56) “E o David, naquele dia, acho que Ø leu as coisas mais rápido do que o habitual” (V7\_PE)

(57) “Todos aqueles que estão na circunstância, na contingência, no poder, o que Ø fazem é servir ao seu país” (V8\_PE)

(58) Eu, cada vez que Ø tento falar holandês, o Paul, que é meu marido, ri-se imenso. (V20\_PE)

b) Retomadas por pronomes pessoais:

(59) “As minhas avós, sempre foram **elas** que, no fundo, seguraram as rédeas da gestão das casas” (V11\_PE)

(60) “O boldo, além de melhorar na questão do enfartamento, **ele** vai depois, também, ter uma ação laxante suave” (V15\_PE)

c) Retomadas por SNs cópia:

(61) “a mais-valia para alguém que vai para uma universidade, em termos de salário no mercado de trabalho, **a mais-valia** é maior em Portugal do que no resto dos países da OCDE” (V3\_PE)

(62) “2013, desejos... **2013** pode ser o ano de sorte ou de azar, né?!” (V5\_PE)

d) Retomada por pronome demonstrativo:

(63) “Quem age pode vir a cometer um erro, mas quem não age, **esse** já cometeu um erro.” (V8\_PE)”

Quanto às situações de TP, diferentemente do PB, a proporção de ocorrências entre 1970 e 2010, considerando a diferença nos tempos de escuta, não foi mantida. A despeito das 12 ocorrências da primeira década, o *corpus* de 2010 trouxe apenas 2 ocorrências de TP, uma delas exemplificada em (64):

(64) “2013, desejos... 2013 pode ser o ano de sorte ou de azar, né?!” (V5\_PE)

O *corpus* do PE na primeira década analisada não apresentou ocorrências de T Selv. No *corpus* de 2010, uma ocorrência foi encontrada:

(65) “As de minha mãe [palavras], lembro-me perfeitamente: disse que, no dia a seguir, ia ter comigo” (V10\_PE)

De acordo com Orsini e Vasco (2007),

O apagamento das preposições semanticamente plenas diferencia o Português Brasileiro do Português Europeu, o que permite postular uma reavaliação dessas construções. A ausência da preposição junto ao tópico pode estar apontando para a falta de movimento de um constituinte interno à sentença para a posição inicial, tal como se observa nas relativas e nas interrogativas. Desta forma, tais construções estariam atravessando um processo de mudança, passando de estruturas com movimento para estruturas geradas na base. (p. 12)

Por contarmos com tão poucas ocorrências, não é possível estabelecer tendências, confirmar, ou contrariar o que pesquisas anteriores trouxeram sobre as T Selv. Contudo, julgamos necessárias pesquisas com esses fins para verificar até que ponto há mudança em curso ou não nas gramáticas do PB e do PE a partir das construções de Topicalização Selvagem.

Confirmando as expectativas, o PE não contou com tópicos-sujeitos em nenhuma das décadas. Se, de fato, a ocorrência desse tipo de tópico é relacionada à perda de Parâmetro de Sujeito Nulo, a única conclusão a que se pode chegar é que este parâmetro, em PE, continua estável.

Outro ponto que chama a atenção é a ausência de construções de CLLD. Por possuir um sistema de clíticos tido como estável, o esperado era que o PE trouxesse uma quantidade de frases com CLLD equivalente à de 1970.

### 4.3.3 Síntese do Capítulo

O que esse capítulo mostrou foi uma comparação quantitativa das construções de tópico do PB e do PE por tipos em 1970 e 2010. De modo geral, observamos, na primeira década, menos discrepâncias entre os tipos de tópico em cada variedade e também entre os totais de produtividade de cada uma. Além disso, foi possível notar diferenças de

produtividade por tipo entre a variedade brasileira e a europeia. As ocorrências de CLLD, por exemplo, foram quase inexistentes na naquela, enquanto apareceram 11 vezes nesta, ocupando a terceira posição em produtividade. Por outro lado, 6 ocorrências de TOD foram encontradas no *corpus* do Brasil contra apenas 3 no de Portugal.

Na segunda década, apesar de termos analisado apenas metade do tempo de escuta em relação à primeira, pudemos perceber, no PB, a estabilidade proporcional de ocorrências dos tipos TP e T Selv e um aumento expressivo de ocorrências de TPR (67 casos). Mesmo com menos tempo de escuta, estas ocorrências foram mais numerosas do que as de 1970 (45 casos). O único tipo de tópico que não tinha aparecido nos dados de 1970 foi o TS, que apareceu uma vez no *corpus* de 1970. Os outros tipos de tópico (CLLD, ETop e TOD) sofreram uma queda expressiva, sequer apresentando ocorrências no caso dos dois primeiros.

Os dados do PE, por sua vez, mostraram redução de produtividade em quase todos os tipos de construção, inclusive TPR. Mesmo considerando a proporção de ocorrências em relação ao tempo de escuta, a produtividade de TP e TPR ainda é muito inferior em 2010 relativamente a 1970. O que chama mais atenção, entretanto, é a ausência total de construções do tipo CLLD no *corpus* mais recente. As ocorrências de TOD e ETop apresentaram estabilidade proporcional e TS continuou não apresentando ocorrências, conforme *corpus* de 1970.

Em suma, foi possível perceber tendências opostas entre PB e PE quanto às construções de tópico ao longo das décadas. Enquanto o primeiro apresenta crescimento de ocorrências do tipo TPR e redução das ocorrências do tipo TOD, o segundo mostra decréscimo de quase todos os tipos de ocorrência, em especial das CLLD, que são consideradas construções típicas do PE. São necessários estudos profundos sobre os sujeitos do PE e do PB para verificar se os resultados trazidos pelo nosso trabalho confirmam as hipóteses de diversos trabalhos brasileiros, como Pontes (1987), Duarte (2004), Galves (1998), e Duarte e Kato (2008) sobre o PB estar evoluindo no sentido de se tornar uma língua orientada para discurso e de proeminência de tópico.

Não se pode desconsiderar a importância dos dados, porém é sempre válido ressaltar que o tópico é um fenômeno, simultaneamente, sintático e discursivo. Sendo assim, a produtividade das ocorrências está sujeita à vontade ou à necessidade que o falante possa ter ou não sentido no contexto da enunciação. O fato de alguns tipos de tópicos terem aparecido com menos frequência ou não terem sido encontrados nos *corpora* não indica automaticamente que essas construções são escassas ou inexistentes na língua.

## CAPÍTULO 5

### Análise das ocorrências na área do sujeito

#### 5.1 Sobre o Capítulo

Neste capítulo, analisaremos as ocorrências de tópicos com retomadas na posição de sujeito. Consideraremos o preenchimento ou não do sujeito no PB e no PE e discutiremos as posições que podem abrigar esses sintagmas nas estruturas sintáticas de cada variedade. Além disso, avaliaremos as relações sintáticas e semânticas estabelecidas entre o sujeito e o tópico. Pelo que se propõe, julgamos adequado chamar o conjunto das posições sintáticas possíveis para a ocorrência dos sintagmas aqui estudados de área do sujeito, conforme indica o título do capítulo.

#### 5.2 A área do sujeito no PB a partir das TPR

Nas duas décadas pesquisadas, as ocorrências de TPR foram encontradas em quantidades muito superiores às dos outros tipos de construção. A retomada pronominal do tópico na posição de sujeito foi a mais frequente tanto no PB de 1970, como se exemplifica em (1) e (2), quanto no de 2010, ilustrada em (3) e (4).

- (1) “A minha irmã mesmo, **ela** se dá bem com as estudantes” (NURC-70/Salvador\_231)
- (2) “O avião grande, **ele** é bem mais seguro” (NURC-70/Salvador\_227)
- (3) “Essa cartilha, **ela** fala sobre o ciclo de violência doméstica, de uma forma bem simples” (V19\_PB)
- (4) “O organismo nosso, **ele** precisa, na verdade, de uma hidratação maior” (V17\_PB)

Esses dados podem estar confirmando a hipótese de tendência de preenchimento do sujeito no PB, levantada por linguistas como Tarallo (1993), Duarte (1993, 1995), Cyrino (1994) e Kato, Duarte, Cyrino e Berlinck (2006).

Tarallo (1993) defende que, entre o final do século XIX e meados do século XX, PB e PE passam por um processo de afastamento entre suas gramáticas, em especial quanto às configurações sintáticas de cada variedade. Para discutir essa ideia, o autor leva em consideração cinco fenômenos: a *perda seletiva do sujeito nulo*; o *aparecimento do objeto*

*nulo referencial; a perda da inversão verbo-sujeito em interrogativas-Q; as estratégias de relativização; e a perda de inversão não-acusativa.* Alguns anos mais tarde, estas situações sintáticas (exceto as relativizações) são estudadas no PB por Kato, Duarte, Cyrino e Berlinck (2006), que atestam as hipóteses do autor sobre as diferenças entre PB e PE.

As autoras confirmaram que, a partir da segunda metade do século XX, as construções com sujeito nulo no PB passam a ser menos frequentes do que as de sujeito preenchido. Isso representa um distanciamento sintático do PB em relação ao PE, que oferece menos restrições contextuais para a produção de sujeitos nulos, conforme Duarte (1993, 1995), Galves (1996, 1998), Figueiredo Silva (1996), e Kato (1999), por exemplo. Essa diferença, segundo a maioria dos linguistas, é decorrente da instabilidade causada no paradigma pronominal do PB com a gramaticalização de “*você*” e, posteriormente, “*a gente*”. A estabilização do uso dessas formas como pronomes pessoais levou ao desequilíbrio do sistema composto por seis formas (*eu, tu, ele, nós, vós, eles*) e suas respectivas flexões verbais.

É possível que o aumento da produtividade de tópicos com retomada pronominal em posição de sujeito seja um indício de que o PB está passando a fazer concordância de pessoa com o verbo através do pronome, não mais através de marcas morfológicas flexionais, conforme Galves (1996, p.395):

Em Galves (1991), propus considerar o elemento de concordância da flexão do PB como “fraco”, definindo essa noção da seguinte maneira: é fraca a concordância que não tem pessoa, ou contém pessoa como um traço puramente sintático. É o que acontece no PB, onde não se encontra na flexão verbal a oposição 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoas, mas somente uma oposição binária, pessoa (1<sup>a</sup>)/ não pessoa (3<sup>a</sup>), articulada a uma oposição singular/plural. Isso corresponde a uma concordância fraca morfológicamente (ausência de 2<sup>a</sup> pessoa), e semanticamente (possibilidade de interpretar a terceira pessoa do singular como indeterminada).

Segundo as ideias da autora, corroboradas por Costa (2010), os verbos em PB estão perdendo a capacidade de checar o aspecto semântico do traço de pessoa através da desinência (que, portanto, passa a expressar apenas número). Se não há representação morfológica do traço de pessoa no verbo, esse traço assume um caráter exclusivamente sintático, pelo que precisa ser realizado fora do verbo através do pronome, como se observa em (6) e (7):

(6) “O tomate, por exemplo, **ele** pode ser armazenado fora da geladeira” (V16\_PB)

(7) “essas escolhas, **elas** são difíceis, **elas** são complexas” (V2\_PB)



Um tipo de arranjo interessante relativamente a essa proposta é o preenchimento de sujeito mesmo quando há, no verbo, o que Galves (1996) chama de “marca”, ou seja, situações de sujeito preenchido com verbo flexionado em primeira pessoa (e, portanto, marcado positivamente para a flexão em pessoa). No *corpus* do PB, foram encontradas 8 ocorrências desse tipo, explicitadas abaixo:

- (8) “Eu... **eu**, principalmente, sinto muito, meu ouvido incomoda” (NURC-70/Salvador\_227)
- (9) “Eu..., de uma certa feita, **eu** passava ali pela Avenida Contorno, em companhia de meu pai (...)” (NURC-70/Salvador\_100)
- (10) “Eu, quando chega qualquer pessoa que venha perturbar a tranquilidade, **eu** uso de toda a sinceridade, de toda a franqueza, e peço que se retire” (NURC-70/Salvador\_100)
- (11) Eu... minha casa...a porta de minha garagem... eh... de vez em quando, quando eu saio, quando eu volto, **eu** encontro sempre um carro estacionado na porta da minha garagem” (NURC-70/Salvador\_100)
- (12) “Eu... isso aí **eu** não sei” (NURC-70/Salvador\_100)
- (13) “Eu, realmente, **eu** me pego mais... pego mais aqui é inverno e verão” (NURC-70/Salvador\_135)
- (14) “Eu... pra mim, **eu** digo assim: o tempo irregular...” (NURC-70/Salvador\_135)
- (15) “Eu... **eu** andei lendo isso, **eu** li...**eu** ainda queria lhe dizer melhor, me falhou aqui a memória, mas é usado enormemente o... lá na Rússia, a água de coco.” (NURC-70/Salvador\_081)

Essas construções, da década de 1970, podem representar indícios de que os falantes do PB já não tinham mais a percepção plena de que as desinências verbais carregam traço de pessoa, nem mesmo considerando-se um sistema binário<sup>11</sup>, como proposto por Galves (1996). Dessa forma, podemos deduzir que as retomadas pronominais de tópico em posição de sujeito têm tendência a crescimento em PB, uma vez que o enfraquecimento do traço de pessoa parece atingir todo o paradigma flexional, e não apenas a 3ª pessoa.

Na década de 2010, não foram encontradas retomadas desse tipo. Acreditamos que essa ausência tenha relação com os assuntos abordados pelos informantes enquanto eram entrevistados, uma vez que, para garantir o controle da variável “escolaridade”, selecionamos

---

<sup>11</sup> O sistema binário é a oposição entre marcação e não marcação de pessoa. Assim, não haveria várias possibilidades de marcação desse traço no PB, como no paradigma europeu (de 6 pessoas), mas apenas duas: traço de pessoa marcado (através da flexão de 1ª pessoa singular) e traço de pessoa não marcado (em que as outras pessoas do paradigma não recebem marcas flexionais que sinalizem a presença do traço).

entrevistas de profissionais em áreas que exigem curso superior. Nessas entrevistas, os informantes estavam sendo convidados para falar sobre assuntos de sua especialidade, pelo que raramente faziam uso da primeira pessoa. Além disso, os tempos de cada entrevista no NURC e no *corpus* PB 2010 foram muito diferentes, o que pode ter reduzido as possibilidades de encontrarmos ocorrências deste tipo em 2010. No primeiro, cada inquérito tinha, no mínimo, 40 minutos de áudio transcrito, enquanto, no segundo, as entrevistas chegaram ao tempo máximo de 15 minutos. Por outro lado, no *corpus* mais atual, foi possível investigar mais falantes, que, embora não tenham realizado o traço de 1ª pessoa fora do verbo, realizaram o traço de 3ª pessoa com mais frequência do que em 1970, reforçando a hipótese da perda do traço de pessoa no verbo. Exemplos da produtividade de 2010 nesse sentido são expostos em (16) e (17)

(16) “A questão da taxação do capital próprio, **ela** é um incentivo para a empresa reinvestir os seus lucros”

(17) “As normas coletivas, **elas** podem prever algo que seja mais favorável ao trabalhador”

Cyrino, Duarte e Kato (2000) consideram uma escala de referencialidade relativa ao preenchimento pronominal do sujeito e sugerem que os SNs mais referenciais têm mais chances de serem retomados por pronomes realizados. No topo da hierarquia de referencialidade, estariam argumentos com traços [+espec, +humano], com SNs portadores de traços [-humano] mais abaixo, enquanto os não-argumentos estariam na última parte da escala, conforme ilustração retirada do texto:

não-argumento	proposição	[-humano]	[+humano]
		3 p.	3 p. 2 p. 1 p.
		-espec.	+espec.
[-ref] < -----		----- > [+ref.]	

(CYRINO, DUARTE e KATO, 2000, p. 422)

Considerando o preenchimento do sujeito no PB, Kato e Duarte (2014) sugerem que o esta seja uma variedade de sujeito nulo parcial, pelo que admite oscilação entre preenchimento e não preenchimento do sujeito. Nesse sentido, buscam propriedades sintáticas, semânticas e morfológicas que balizem tal variação. Entre as condições semânticas, destacam a referencialidade do elemento representado pelo pronome, conforme escala

supracitada. As autoras dizem ainda que “a restrição ao pronome expresso, postulada em Chomsky através do princípio ‘Evite pronome’ para línguas de sujeito nulo (...) teria uma contraparte ‘Evite pronomes não-referenciais’ para línguas de sujeito nulo parciais como o PB” (KATO e DUARTE, 2014, p. 17). Assim, tópicos com traço com maior grau de referencialidade, naturalmente, favoreceriam mais a ocorrência de retomadas pronominais no interior da oração do que tópicos menos referenciais. Considerando que os tópicos sempre são altamente referenciais, os nossos dados confirmam a hipótese das autoras, dado o crescimento de construções de TPR entre as décadas de 1970 e 2010.

Em relação à animacidade do tópico nas construções de TPR, as retomadas pronominais em posição de sujeito dos SNs com o traço [-humano] foram superiores às de SNs com traço [+humano] em ambas as décadas. Mais do que isso, verificamos que, na década de 2010, houve um aumento expressivo de retomadas de SNs [-humano], tanto em relação à década de 1970 quanto em relação às retomadas de SNs [+humano], conforme tabela abaixo:

	Retomadas de SN com traço [+humano]	Retomadas de SN com traço [-humano]
PB – 1970	15	16
PB – 2010	20	42

Tabela 5 – Retomadas em posição de sujeito de acordo com a animacidade do tópico no PB.

As retomadas de sujeito por pronome nulo, por sua vez, foram encontradas apenas em duas ocorrências no *corpus* do PB, uma em 1970, exemplificada em (18), e outra em 2010, exemplificada em (19):

(18) “Samba, creio que Ø possa ser uma música regional” (NURC-70/Salvador\_125)

(19) “A adolescência, a gente costuma dizer que Ø é um transtorno que só o tempo vai curar” (V9\_PB)

É interessante observar, entre as duas ocorrências encontradas, uma peculiaridade relativa à retomada por pronome nulo. Numa projeção de preenchimento pronominal de sujeito da oração subordinada, (18) parece soar agramatical, enquanto (19) parece uma frase boa, conforme se exemplifica abaixo:

(18a) Samba, creio que **ele** possa ser uma música regional.#

(19a) A adolescência, a gente costuma dizer que **ela** é um transtorno que só o tempo vai curar.

Acreditamos que a determinação do tópico, nesses casos, pode ser o que permite a aceitação da retomada pronominal no segundo caso, mas não no primeiro. Assim, parece confirmar-se a ideia de que os pronomes pessoais estão mais ligados à retomada de referentes determinados, enquanto referentes indeterminados relacionam-se mais frequentemente com retomadas nulas ou retomadas por SNs.

Kato e Duarte (2014, p.17) julgam que a mudança sintática no PB, distanciando-se do PE, “não é apenas efeito de uma mudança em curso, mas que ela pode ser explicada como propriedades de uma gramática estável caracterizável em termos de restrições semânticas de referencialidade e de propriedades morfossintáticas”. É também isso que os nossos dados insinuam, uma vez que a retomada de tópico por sujeito nulo se mostra pouco frequente tanto em 1970 quanto em 2010 e só apareceu retomando referentes com traço [-humano], confirmando as projeções das autoras.

Embora os números indiquem que parece não haver restrição ou tendência de preenchimento de sujeito motivada pelo traço [+humano], é importante lembrar que as construções de tópico sempre são condicionadas pelo contexto de produção. Assim, é possível que a maioria das ocorrências em questão tenham sido coletadas de situações de fala em que o informante não tivesse necessidade de mencionar tópicos com o traço [+humano]. Supomos que, se o assunto estivesse em torno de referentes [+humanos], poderíamos ter encontrado uma porcentagem maior de retomadas pronominais de SNs com este traço. O que queremos enfatizar quanto aos dados é que o traço de animacidade não exerce influência relevante sobre a realização da retomada pronominal do tópico, diferentemente do que trazem estudos anteriores, como os de Braga (1987), Duarte (2003) e Cyrino, Duarte e Kato (2006), Santos (2009) e Duarte e Paiva (2011), entre outros.

### 5.3 A área do sujeito no PE a partir das TPR

Conforme visto no capítulo anterior, as ocorrências de TPR foram as mais frequentes também no PE. As retomadas em posição de sujeito, exemplificadas em (20), (21), (22), e (23), outra vez, foram as mais recorrentes:

(20) Eu, **eu** acho que isso é absolutamente lamentável (crpc\_187)

- (21) o bordado, parece que  $\emptyset$  é do século dezoito e que só foi desenvolvido no século dezanove com a miss felpes. (crpc\_816)
- (22) Isto, isto é uma experiência, é extremamente importante. (crpc\_455)
- (23) O juiz, normalmente, **o juiz** que começa a sua carreira logo pela magistratura, e normalmente assim sucede (crpc\_108)

Entre as ocorrências deste tipo, duas chamaram a nossa atenção por terem uma configuração muito comum para o PB, mas pouco encontradas no PE:

- (24) “Os miúdos, por amor de deus, **eles** saem duma sala, têm dez minutos (...)” (crpc\_221)
- (25) “O boldo, além de melhorar na questão do enfartamento, **ele** vai depois, também, ter uma ação laxante suave” (V15\_PE)

É possível que as construções desse tipo sejam comuns em todas as línguas naturais – ou, pelo menos, na maioria delas. Entretanto, em decorrência de especificidades de cada gramática, as TPR com retomada pronominal em posição de sujeito são mais recorrentes em algumas gramáticas do que em outras, como ocorre entre PB e PE. Por utilizarem uma variedade de flexão rica, os falantes do PE podem abrir mão do preenchimento da posição de sujeito mais facilmente do que os falantes do PB, que tem flexão pobre, conforme Galves (1996). Isso contribui para que as construções de TPR semelhantes a (22) e (23) sejam abundantes na variedade brasileira, mas não na portuguesa.

Todavia, as retomadas do tópico em posição de sujeito, embora se mostrem mais produtivas no PB, são também encontradas em PE de diferentes formas, conforme demonstram os exemplos (26) a (29):

- (26) “Todos aqueles que estão na circunstância, na contingência, no poder, o que  $\emptyset$  fazem é servir ao seu país” (V8\_PE)
- (27) Eu, cada vez  $\emptyset$  que tento falar holandês, o Paul, que é meu marido, ri-se imenso. (V20\_PE)
- (28) “a mais-valia para alguém que vai para uma universidade, em termos de salário no mercado de trabalho, **a mais-valia** é maior em Portugal do que no resto dos países da OCDE” (V3\_PE)
- (28) “2013, desejos... **2013** pode ser o ano de sorte ou de azar, né?!” (V5\_PE)

(29) “Quem age pode vir a cometer um erro, mas quem não age, esse já cometeu um erro.”  
(V8\_PE)”

O que determina as diferenças entre as ocorrências, então, não é a produtividade, mas são as formas como se expressam em cada variedade, uma vez que as retomadas pronominais plenas se mostram mais frequentes no PB, enquanto outras formas de retomada são preferidas no PE, como os pronomes nulos e os SNs plenos. Isso leva alguns autores a sugerir que haja substanciais diferenças entre as estruturas subjacentes às construções desse tipo em cada gramática.

Barbosa (1995) postula que, nas línguas de sujeito nulo, como é o caso do PE, o lugar do sujeito na sentença é sempre pós-verbal, podendo ocupar uma posição pré-verbal somente a partir de deslocamento (que ocorre através de adjunção) ou a partir de um movimento decorrente de focalização. A posição pré-verbal a que se destina o SN sujeito, entretanto, não é Spec, TP, como no PB e como propõe Costa (2000) para o PE. A autora, adotando a proposta de Uriagareka (1998), sugere a adjunção de uma projeção funcional (FP), que abrigará sintagmas com importe discursivo, como tópicos e focos. Dessa forma, construções com sujeito pré-verbal, em PE, sempre seriam condicionadas discursivamente, seja como tópicos, seja como focos (informacionais ou contrastivos). A organização proposta pode ser ilustrada em (30):

(30) Eu, eu acho que isso é absolutamente lamentável (crpc\_187)

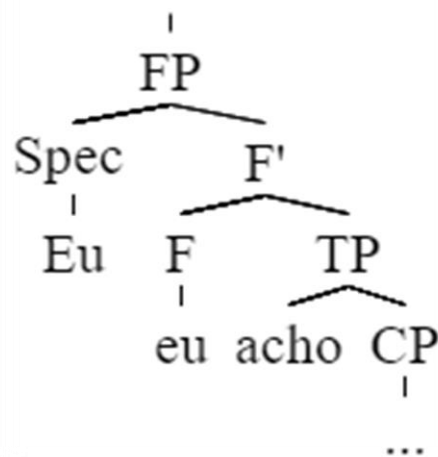


Figura 5 – Figura criada por nós através da ferramenta Syntax Tree Generator

Nos casos que são exemplificados por (30), segundo Barbosa (2006), há um “deslocamento múltiplo” do sujeito pós-verbal para as duas posições em FP. A autora considera que “nada impede a deslocação múltipla (...). Prevê-se muito simplesmente que seja redundante. Com efeito, frases deste tipo são raras e, sempre que ocorrem, exigem uma pausa bastante acentuada entre o DP e o pronome. ” (p. 32). Entretanto, essa análise se mostra problemática, nos exemplos (31)-(33), em que há material interveniente entre o tópico e a sua retomada (entendida aqui como foco):

(31) Eu, *então*, **eu** gostava imenso até de ter um colégio, ou uma casa qualquer, para me dedicar à investigação desses problemas. (crpc\_832)

(32) Eu, *portanto*, **eu** dizia que neste mundo frio, engessado, cheio de máquinas, que nós não podíamos negar a in(...) A, o, a parte espiritual e, e, e... Do homem (crpc\_93)

(33) Não, ele, *fisicamente, coitadito*, **ele** bem diz que tem uma boa perna, mas... Nós... Ainda é pior! (crpc\_122)

O problema se dá pelo fato de a estrutura proposta pela autora não dispor de posições disponíveis para a realização do material interveniente, uma vez que o tópico e o foco “dividiriam” a mesma projeção, ocupando os as duas únicas posições possíveis: Spec e Núcleo de FP, respetivamente.

Barbosa (1995, 2006) faz ponderações inquestionáveis sobre o PE não projetar a posição Spec, T, visto que o núcleo T é capaz de checar o traço de pessoa (D) através da flexão verbal. Isso faz com que o sujeito do PE, em construções de TPR, ocupe algum outro lugar na estrutura e, para tanto, a autora propõe o deslocamento para o núcleo da camada FP, como explicamos acima. O problema dessa proposta é que a projeção FP, como colocada pela autora, não consegue atender as construções de TPR com material interveniente entre tópico e sujeito.

A proposta de Rizzi (1997), por sua vez, admite que a estrutura sintática das línguas naturais seja dividida em 3 camadas (Lexical, Funcional e Complementizadora, conforme detalhado no Capítulo 3). A partir dessa estrutura básica, projeções lexicais e funcionais organizam-se internamente, alocando todos os sintagmas da frase de acordo com os traços presentes na derivação.

Dentro da camada CP, segundo Rizzi (1997, 2004), há duas projeções possíveis que são essenciais para o nosso trabalho: TopP e FocP, nesta ordem hierárquica. O autor admite ainda a existência de uma segunda projeção TopP abaixo de TopP. Todas essas projeções só

ocorrem quando necessário, ou seja, quando há sintagmas que precisam efetuar checagem desses traços discursivos. Abaixo, demonstramos, de forma simplificada, a abertura dessas posições dentro do sistema CP, conforme modelo proposto pelo autor:

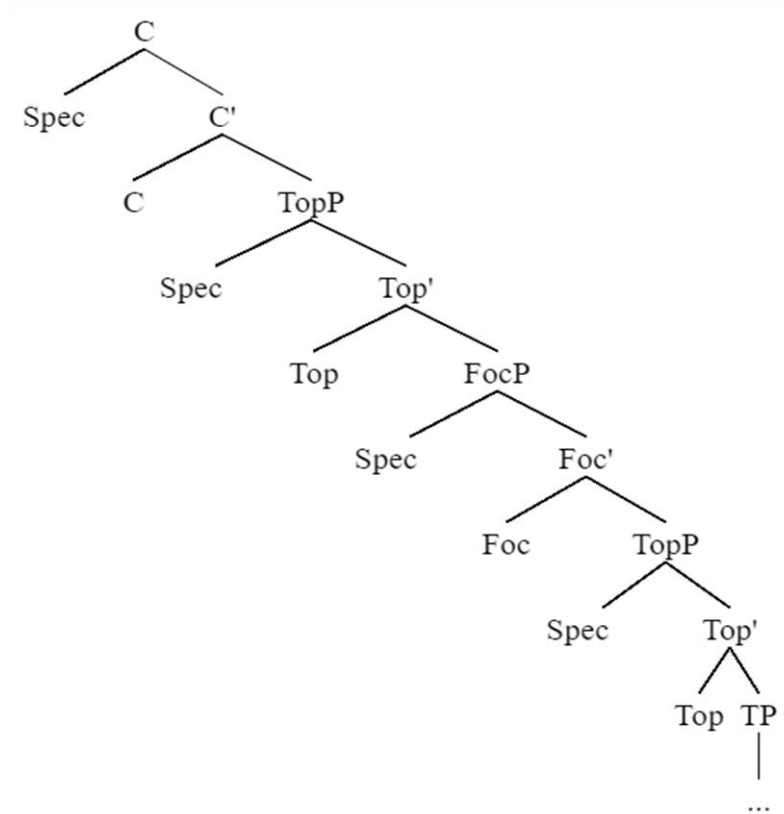


Figura 6 – Figura criada por nós através da ferramenta Syntax Tree Generator

Como visto na ilustração, Rizzi (1997) prevê, para o italiano,  $\text{Top} \rightarrow \text{Foc} \rightarrow \text{Top}$  – ou seja, para ele, existe a possibilidade de duas posições de tópico no sistema C. Araújo (2006), em contrapartida, discute a impossibilidade de isso acontecer no português, devido a fatores prosódicos que não permitem pausa entre o foco e a oração, impedindo a ocorrência de um tópico após um foco<sup>12</sup>, já que o tópico é comumente marcado por uma pausa na fala. Assim, considerando as ponderações da autora, admitimos, para o português nas duas variedades apenas a posição TopP que se localiza acima da posição FocP.

A proposta minimalista da Teoria Gerativa tem defendido que o PE é uma língua de “sujeito nulo consistente”, nos termos de Roberts & Holmberg (2010). Línguas desse tipo têm o traço de pessoa (*D-feature*) no núcleo T, o que permite a checagem desse traço através da flexão verbal, não sendo sintaticamente necessária, portanto, a realização do sujeito.

<sup>12</sup> Para mais detalhes sobre essa questão, recomendamos a leitura de Araújo (2006).



Assim, SpecTP, no PE, não seria projetado, visto que, segundo o modelo minimalista, só são projetadas posições estritamente necessárias para a derivação da sentença.

Partindo das ideias de Roberts & Holmberg (2010), que se apoia na proposta de Rizzi (1997), e sabendo da estabilidade do sistema flexional verbal do PE, não parece haver motivos que levem à realização do sujeito (seja por pronome ou por SN) para checagem de traços de pessoa em Spec, TP. Da mesma forma, mostramos que a proposta de Barbosa (2006), embora viável para analisar algumas ocorrências do PE, apresenta problemas com relação às posições do tópico e do foco. Percebemos isso a partir da análise de sentenças com material interveniente entre tópico e foco. Se os dois sintagmas se situam na mesma projeção, acaba não havendo nenhuma posição para receber o material interveniente. Todavia, a estrutura proposta por Araújo (2006), a partir de Rizzi (1997), com duas projeções independentes, uma para tópico e outra para foco, parece mais adequada para dar conta de construções como as que aparecem nos exemplos (31) a (33), uma vez que, entre o tópico e o foco, é possível a admissão de eventuais materiais intervenientes. Assim, só é possível que as ocorrências de retomada em posição de sujeito que encontramos no PE ocupem o núcleo de FocP, como ilustrado abaixo com a sentença do exemplo (31):

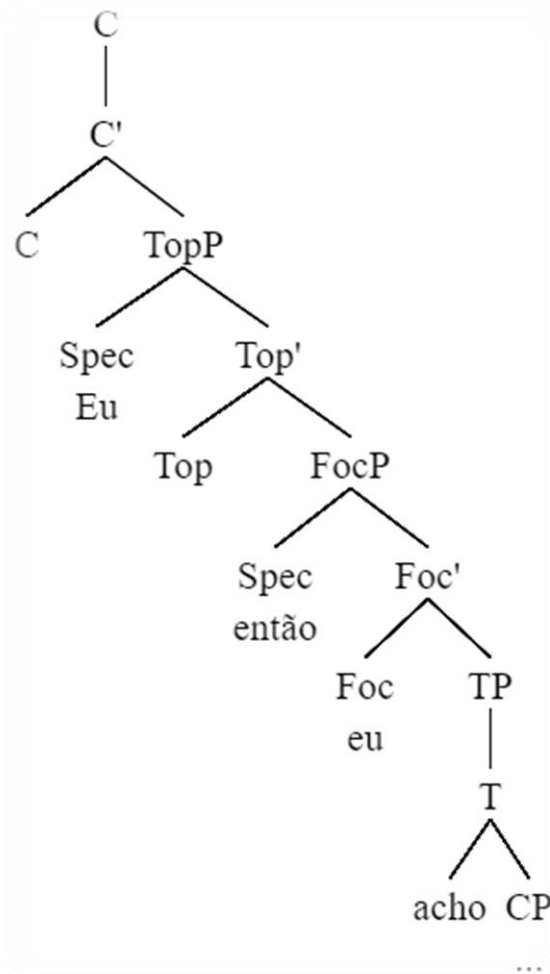


Figura 7 – Figura criada por nós através da ferramenta Syntax Tree Generator

A clivagem do pronome em (34) reforça a hipótese de que a retomada de tópico com função de sujeito no PE pode ocupar a posição de foco:

(34) “As minhas avós, sempre foram **elas** que, no fundo, seguraram as rédeas da gestão das casas” (V11\_PE)

A partir dessa ocorrência, não é possível afirmar categoricamente que os sujeitos das outras sentenças estão em posição de foco, uma vez que não há marcas explícitas, como a clivagem em (34). Entretanto, percebemos que, neste e nos outros exemplos entre (31) e (33), todos os elementos que estamos querendo considerar como ocupantes da posição de foco atendem às condições sintáticas e semânticas para tal, conforme descrito por Araújo (2006), com base em Raposo (1996):

O constituinte frontado de movimento de foco ou é quantificacional ou tem algum tipo de força de operador, como o foco contrastivo; (ii) não há pausa separando o constituinte frontado do resto da expressão como acontece com o tópico; (iii) o constituinte de movimento de foco não pode ser retomado por

um clítico, diferente do que ocorre com o tópico, que pode ser retomado por um clítico, a depender do tipo de construção. (p. 83)

Os sujeitos encontrados nos exemplos (31)-(34) atendem às especificações estabelecidas pela autora. Isso reforça a ideia de que estes sujeitos estão em FocP.

Portanto, quanto à estrutura sintática das TPR em PE, julgamos a proposta de Araújo (2006), baseada em Rizzi (1997), mais adequada do que a de Barbosa (1995, 2006). Embora a mesma proposta possa ser utilizada nas análises do PB e do PE, é importante ressaltar as diferenças estruturais entre as construções desse tipo em cada variedade, conforme detalhamos na seção anterior e nesta.

Semanticamente, verificamos que as retomadas em posição de sujeito no PE, diferentemente do PB, ocorreram mais frequentemente com tópicos que possuem o traço [+humano], tanto nas retomadas por SNs quanto nas retomadas por pronomes:

	Retomadas por SNs		Retomadas por Pronome pleno		Retomadas por Pronome nulo	
	[+hum]	[-hum]	[+hum]	[-hum]	[+hum]	[-hum]
PE-1970	3	4	18	1	11	1
PE-2010	0	3	2	1	6	1

Tabela 6 – Retomadas em posição de sujeito de acordo com o tipo de retomada e com a animacidade do tópico no PE.

Pudemos notar ainda que as retomadas pronominais, de modo geral, relacionam-se com referentes que portam o traço [+humano]. Para tópicos com o traço [-humano], a preferência foi por retomadas realizadas através de SNs. Essas tendências, observadas no *corpus* da década de 1970, foram confirmadas em 2010, conforme representado na Tabela 2.

O que mais chamou a nossa atenção, entretanto, foi o fato de as retomadas por pronomes nulos no PE, ao longo das décadas, se tornarem mais frequentes do que as retomadas por pronomes plenos. Em 1970, a preferência para retomar tópicos com traço [+humano] era dos pronomes plenos: 18 ocorrências de retomada por pronome pleno contra 11 de retomada por nulo. Esse quadro se inverteu na década de 2010: 2 retomadas por pronomes plenos contra 6 retomadas por nulos. Assim, o PE parece reforçar continua

reforçando a sua capacidade de realização do traço de pessoa através da morfologia verbal, dispensando o preenchimento do sujeito referencial, em oposição ao que ocorre no PB.

Duarte (1993, 1995), Duarte e Varejão (2013), Kato e Duarte (2014), entre outros, enquadram o PB como línguas de sujeito nulo parcial – ou “*partial pro-drop*”. Línguas nessa condição normalmente se encontram em um estágio de transição entre o sujeito nulo e o sujeito preenchido. Processo semelhante teria acontecido com o francês, segundo Roberts (1993, p. 414-415) *apud* Duarte (2003, p. 13-14):

O francês não perdeu seus sujeitos nulos da noite para o dia (...). Houve um período de aproximadamente 150 anos durante os quais o francês conviveu com um sistema de sujeito nulo ‘defectivo’: um sistema que permitia sujeitos nulos apenas com certas pessoas e/ou certos contextos sintáticos.

Tendo isso em vista, o que nossos dados mostram é que, aparentemente, o PE e o PB caminham em direções opostas quanto ao preenchimento pronominal do sujeito, pelo menos nas construções envolvendo tópicos. Enquanto o PB tende a preencher cada vez mais o sujeito, independente da condição semântica do referente, o PE tem recorrido com mais frequência ao sujeito nulo para retomar tópicos [+humanos].

#### 5.4 Síntese do capítulo

Com este capítulo, tivemos o objetivo de explicar como se organizam, em cada variedade, as posições que generalizamos como “área do sujeito”. Submetemos a análise dos nossos dados a propostas teóricas anteriores e pudemos avaliar até que ponto as gramáticas do PB e do PE se aproximam ou se distanciam em sentenças envolvendo tópicos e sujeitos.

Além disso, buscamos observar possíveis tendências de comportamento das variedades no que diz respeito à relação entre o tópico e o sujeito ao longo do tempo. Comparamos os resultados obtidos no *corpus* de 1970 com os do *corpus* de 2010 e, novamente, analisamos as implicações dessa observação à luz de teorias relacionadas ao tema.

*A priori*, o que se percebeu foi o fortalecimento do sujeito preenchido por pronome em PB nas situações de retomada de tópico. Esse tipo de ocorrência cresceu significativamente entre 1970 e 2010, reforçando a hipótese sustentada por linguistas como Duarte (1993, 1995) e Galves (1996, 2001) de que o PB vem perdendo a capacidade de realizar o traço de 3ª pessoa somente através da morfologia verbal. Fomos além e sugerimos que essa perda já comece a se estender para a primeira pessoa, pelo menos nas construções de tópico. Sinal disso é o aparecimento de retomadas pronominais em frases cujos tópicos foram realizados

pelo pronome pessoal *eu*. Dessa forma, compreendemos que, em PB, a posição Spec, TP é sempre projetada para dar conta da checagem do traço D em construções de TPR.

Quanto à disposição dos constituintes na estrutura sintática, depreendemos, a partir da análise dos dados, que a proposta mais adequada para dar conta da posição das construções de tópico relacionadas do PB e do PE é a de Araújo (2006), baseada em Rizzi (1997). A partir da cartografia sintática sugerida pelo autor, é possível organizar e categorizar os elementos de todas as ocorrências encontradas, contemplando também as operações referentes à topicalização de sintagmas, ao preenchimento (ou não-preenchimento) do sujeito e as relações possíveis entre as posições envolvidas em construções de tópico pendente com retomada em posição de sujeito.

Em seguida, procedemos à análise das ocorrências do PE, submetendo as ocorrências a análises baseadas nas propostas de Barbosa (1995, 2006) - que defende uma projeção funcional única imediatamente acima de TP para abrigar sintagmas com importe discursivo de Top ou Foc - e Roberts e Holmberg (2010), os quais adotam o modelo defendido por Rizzi (1997). Assim como no PB, a interpretação das ocorrências encontradas no PE foi favorecida pela cartografia sintática, que, ao nosso ver, permitiu uma análise mais coerente, em especial, das construções em que tópicos e focos são entremeados por algum material interveniente.

Por fim, verificamos a relevância do traço [+/- humano] nas retomadas de tópicos em posição de sujeito no PE. O que nossos dados indicaram foi que parece haver um fortalecimento do sujeito nulo em construções desse tipo, uma vez que a retomada de tópicos [+humanos] por pronome pleno decresceu entre 1970 e 2010, ao contrário do que ocorreu com a retomada por pronome nulo. As retomadas de tópicos [-humanos] não apresentaram alterações significativas entre o uso de pronomes plenos ou nulos no período. A retomada por SNs, entretanto, parece estar se consolidando como estratégia preferencial para retomada de referentes com este traço semântico.

Enfim, relativamente à área do sujeito, o que se pode perceber é que as diferenças sintáticas entre PB e PE quanto às construções de tópico parecem ser motivadas por peculiaridades morfológicas de cada variedade. Diferentes propriedades morfológicas referentes aos procedimentos de concordância e checagem de traços geram diferentes operações sintáticas - e, portanto, repercussões nas estruturas das sentenças. Nas construções de TPR com retomada em posição de sujeito, percebemos que uma das consequências de PB e PE possuem morfologias próprias foi a diferença na organização dos constituintes na estrutura sintática subjacente. Nesse sentido, os aspectos da língua estudados nesse capítulo nos levam a concordar com Costa (2010, p. 125), quando diz que “algumas das principais

diferenças entre as duas variedades assentam no comportamento da concordância, o que indicará que a mudança sintática se baseia nas propriedades de Infl e não em aspectos macro-paramétricos”.

## CAPÍTULO 6

### Análise das ocorrências da área do objeto

#### 6.1 Sobre o capítulo

Neste capítulo, analisaremos as construções de tópicos com retomadas em posição de objeto direto. Examinaremos as características que compõem este tipo de construção tanto no PB quanto no PE, buscando, entre elas, semelhanças e diferenças que possam indicar propriedades específicas de cada variedade. Além disso, interessam-nos regularidades que evidenciem aproximações entre as gramáticas, confirmando ou refutando hipóteses levantadas por estudos anteriores.

#### 6.2 Tópico Pendente com Retomada (TPR)

No âmbito do estudo do tópico, as retomadas em posição de objeto são classificadas de formas diferentes de acordo com suas características morfossintáticas. As retomadas de tópico através de pronomes plenos e SNs em posição de objeto são classificadas como TPR, assim como aquelas que ocorrem em posição de sujeito. Esta seção detalha as análises realizadas sobre as ocorrências que encontramos durante a pesquisa nas duas grandes variedades do português nas décadas de 1970 e 2010.

##### 6.2.1 PB

Nesta seção, analisaremos as retomadas em posição de objeto direto encontradas no *corpus* de 1970 do PB. A única retomada por pronome foi uma exceção entre 7 retomadas por SNs que, normalmente, eram a repetição o próprio SN tópico (tópico-cópia):

- (1) “Essa lagoa, eu tive... conheci **ela**... foi num sábado” (NURC-70/Salvador\_100)
- (2) “Uma casa dessa moderna, isso vai depender muito do... da pessoa que faz **a casa**, né, ou que mora **na casa**, ou que quer **a casa**” (NURC-70/Salvador\_173)
- (3) “Porta, a gente pode encontrar... eh... **portas inteiras (...)**”(NURC-70/Salvador\_173)
- (4) “Copacabana... aqueles edificios tornaram **Copacabana**, assim, na... mudou totalmente”

(NURC-70/Salvador\_100)

(5) “A lua... onde eu mo... onde eu moro hoje, no... pouco vejo **a lua**” (NURC-70/Salvador\_135)

(6) “A maré... nós temos **a maré** cheia... (...)” (NURC-70/Salvador\_135)

(7) “Mas a natação, de todos... Eu acho que toda escola devia praticar **a natação**” (NURC-70/Salvador\_231)

(8) “A escola... eu acho que não tem **escola** nenhuma que faça esse... esse tipo de ensinamento” (NURC-70/Salvador\_231)

No PB 2010, apenas uma ocorrência realizou retomada em posição de Objeto Direto:

(9) “O diagnóstico, é complicado de você ter **o diagnóstico** naquele momento” (V7\_PB)

Segundo Tarallo (1993), Cyrino (1994, 2000) e Oliveira (2016), referentes com o traço [-animado] favorecem a retomada por objeto nulo. Entretanto, como se pode observar em todas as ocorrências encontradas, o traço semântico carregado pelos tópicos é [-animado] e as retomadas são realizadas por SNs.

O traço [-animado] possivelmente beneficia retomadas por pronomes nulos em oposição aos tônicos – que, conforme Cyrino (1994), são favorecidos por referentes de traço [+animado]. Entretanto, não parece haver a mesma relação entre pronomes nulos e SNs para retomar referentes de traço [-animado]. Acreditamos, então, que tanto pronomes nulos quanto SNs são possibilidades igualmente disponíveis para retomar sintagmas de traço [-animado], conforme apontou Casagrande (2012). Paula (2012) aponta para a presença de material interveniente para a realização de retomadas por SNs, porém não encontramos ocorrências com essa configuração nos *corpora* do PB. Por outro lado, a autora destaca que as retomadas por SNs são favorecidas por tópicos SNs (em vez de tópicos pronominais), o que é corroborado pelos nossos dados

Caso os tópicos dos exemplos acima tivessem sido retomados por pronomes nulos, as ocorrências seriam classificadas como TOD (em retomadas de sintagmas determinados na posição de tópico) ou ETop (em retomadas de sintagmas indeterminados na posição de tópico). De fato, na década de 1970, as construções com retomadas nulas em posição de objeto foram expressivamente superiores às de TPR, como será exposto na seção seguinte. Mas verificamos, na década de 2010, que o decréscimo das construções de TOD e ETop foi mais drástico do que o das TPR. Essa queda pode representar um indício de que a retomada



de tópico por objeto nulo, de modo geral, tende a ser menos frequente no PB e não está (mais) condicionada à animacidade do referente.

Se os tópicos tivessem sido retomados por clíticos, teríamos exemplos de CLLD, construção que será analisada ainda neste capítulo. Porém Decat (1989), Galves (1996, 1998), Duarte (1993), entre outros autores, sugerem que o já atestado declínio do sistema de clíticos em PB estaria propiciando a substituição destes pronomes átonos por pronomes tônicos. Galves (1998; 2001), inclusive, defende que os pronomes fortes do PB podem se comportar de forma semelhante aos clíticos do PE. O que permite esse comportamento, de acordo com a autora, é o movimento invisível de traços do tópico para o pronome correferencial.

O que nossos dados mostram, entretanto, é que, nas situações de tópico, a retomada em posição de objeto tem sido realizada com maior frequência por SNs cópia do que por pronomes tônicos. As seções relativas às CLLD, ETop e TOD mostrarão ainda que têm sido menos frequentes as retomadas por clíticos (como esperado) e por pronomes nulos.

Segundo Oliveira (2007), “A não-aquisição natural do clítico acusativo no PB oportuniza então a ocorrência de outras variantes, como a categoria vazia objeto, o pronome tônico ou a retomada por SN anafórico”. Duarte (1986), por sua vez, já tinha observado que o preenchimento de objeto por pronome lexical é mais característico do PB popular, enquanto os clíticos aparecem como uma opção de retomada muito formal na variedade brasileira. Assim, os SNs anafóricos representam uma alternativa viável para evitar tanto os clíticos quanto os pronomes lexicais.

### 6.2.2 PE

Na década de 1970, surgiram apenas 3 ocorrências na posição de objeto direto, sendo 1 realizada por pronomes e 2 por SNs, conforme ilustrado:

(10) “Aquele bocado de carne, chamam **aquilo** uma pensão” (crpc\_111)

(11) “a castanha... Sim, aqui há bastante **castanha**...” (crpc\_129)

(12) “Mas este ano ‘tá-se na expectativa de ser **um ano** ruim.” (crpc\_673)

No *corpus* da década de 2010, apenas uma ocorrência de tópico retomado em posição de objeto direto foi encontrado:

(13) “O livro, como é que surge **o livro**?! É um pouco me seguimento desta conversa (...)”

(V14\_PE)

Embora tenham aparecido em quantidade relativamente reduzida, é importante ressaltar a presença de SNs anafóricos em PE, uma vez que esta variedade conta com um sistema de clíticos estável e, portanto, poderia recorrer somente a eles como estratégia para a retomada de tópicos em posição de objeto direto, formando construções de CLLD.

Em relação às condições semânticas, assim como no PB, todas as ocorrências de retomadas por SNs no PE aconteceram com tópicos [-animados]. Parece haver, portanto, uma aproximação entre as variedades também nesse sentido: tanto PB quanto PE parecem recorrer a SNs para retomar referentes de traço [-animado], embora a frequência em PB seja maior.

Soledade (2010, p.436) defende que “o PE preenche categoricamente o objeto direto retomado anaforicamente, principalmente através do clítico acusativo, salvo em contextos de antecedente sentencial ou predicativo”. Nossas ocorrências, no entanto, vão de encontro às considerações da autora. Observamos que os tópicos retomados por SNs não são sentenciais e que apenas em (12) o tópico é predicativo.

Tanto sintática quanto semanticamente, percebemos a aproximação entre as variedades no que diz respeito ao SN anafórico em posição de objeto. Esse ponto de aproximação entre PB e PE dá força à nossa hipótese de que as diferenças estruturais entre as variedades se encontram na área do sujeito, principalmente em decorrência da perda do parâmetro *pro-drop*.

O detalhe é que a proporção de ocorrências entre as décadas, ao contrário do esperado, foi menos discrepante no PE do que no PB. É possível que esta variedade, portanto, da mesma forma que aquela, esteja adotando o SN anafórico como uma alternativa a mais de retomada em posição de objeto. Só não é possível saber, ainda, até que ponto essa nova estratégia pode estar afetando a produtividade das retomadas clíticas, que são as opções tidas como mais comuns no PE. Estudos sobre o objeto anafórico em PE são necessários para responder às questões que levantamos e outras que possam surgir. Além disso, será possível também verificar se, de fato, confirma-se um processo de aproximação entre PB e PE na área do objeto, conforme trouxemos nesta seção.

### 6.3 Topicalização de Objeto Direto (TOD)

Esta seção trata das construções de TOD no PB e no PE nas décadas de 1970 e 2010. As subseções seguintes dão conta, respectivamente, das ocorrências encontradas no PB e no PE. Com as análises realizadas, pretendemos verificar em que aspectos as variedades se

aproximam ou se distanciam, além de explicar eventuais oscilações de produtividade entre as décadas.

### 6.3.1 PB

As construções de TOD, encontradas 7 vezes no *corpus* de 1970 do PB, basicamente, são caracterizadas pela retomada por pronome nulo de um tópico definido e determinado em posição de objeto direto, conforme exemplos (14) e (15):

(14) “O campus<sub>i</sub> eu não vi  $\emptyset$ <sub>i</sub>, não tive a oportunidade de ir  $\emptyset$ <sub>i</sub>” (NURC-70/Salvador\_100)

(15) “O termo técnico<sub>i</sub>, realmente, eu não conheço  $\emptyset$ <sub>i</sub>” (NURC-70/Salvador\_135)

Diversos estudos mostram que há, no PB, menos restrições sintáticas e semânticas para a produção de objetos nulos (conforme COSTA, 2012). Autores como Tarallo (1993), Duarte (1993), Cyrino (1992; 1994; 1997; 2006) e Galves (1998, 2011), trazem trabalhos que detalham os processos de construção do objeto nulo no PB que se confirmam em nossos resultados de 1970 nas construções de tópico. Kato, Duarte, Cyrino e Berlinck (2006) também atestam a expansão do objeto nulo no século XX, hipótese levantada por Tarallo (1993) e Duarte (1993).

No PB, segundo os estudos mencionados, os pronomes plenos e as categorias vazias referenciais têm, progressivamente, ocupado alguns dos “espaços” deixados pelos clíticos em desuso. Essa ideia é confirmada pela recorrência de construções dos tipos TOD na década de 1970. Araújo (2009, p. 243), sobre as construções de TOD, julga que

(...) a primeira [refere-se à Topicalização de Objeto Direto], diferentemente das outras duas [Tópico Pendente com Retomada e Tópico Cópia], é resultado de uma tendência do português brasileiro em direção a uma retomada vazia de tópico na oração, em função da eliminação, na fala, dos clíticos acusativos de terceira pessoa.

Considerando somente a produtividade das ocorrências desse tipo no PB de 1970 e os resultados dos estudos anteriormente mencionados, nossos dados são condizentes com a afirmação da autora. Não obstante, a análise do *corpus* de 2010 indica uma tendência que caminha na direção contrária, rumo à redução de construções de TOD, uma vez que apenas uma ocorrência foi encontrada:

(16) “O pão, é melhor conservar  $\emptyset$ , ou no saco de pão mesmo, ou em outro saco (...)”

(V16\_PB)

Cyrino (1994, 2000) sugere que apenas referentes com o traço [-animado] favorecem as retomadas por objetos nulos. É dessa forma que se manifestam as ocorrências que encontramos em ambos os *corpora* do PB. Porém Macedo Costa (2012), constatando o crescimento do objeto nulo anafórico em detrimento do uso de clíticos, concluiu que essa tendência não sofre restrição semântica, mas apenas um condicionamento sintático: “Quanto aos condicionamentos linguísticos, mostrou-se relevante somente a correspondência sintática envolvendo o objeto nulo e o DP retomado. ” (MACEDO COSTA, 2012). Essa correspondência de que se fala é referente às funções sintáticas desempenhadas pelo antecedente e pelo objeto que o retoma. Antecedentes que desempenham a função de objeto direto favorecem a retomada nula.

Relativamente aos aspectos semânticos, toda as ocorrências de TOD foram relacionadas a tópicos com o traço [-animado], conforme Cyrino (1994, 2000), porém admitimos que o número reduzido de ocorrências, em especial na década de 2010, pode não refletir a realidade, dada a proporção reduzida do *corpus* analisado.

### 6.3.2 PE

Em 1970, foram encontradas, no *corpus* do PE, 3 ocorrências de TOD, apresentadas em (17) a (19)

(17) “o peixe fresco, às vezes há dificuldade, sobretudo até porque não temos onde escolher Ø, às vezes...” (crpc\_129)

(18) “o «ivan»,<sup>13</sup> gostei de ver Ø, porque tinha ouvido falar muito no «ivan» e havia uma coisa...” (crpc\_194)

(19) “Ora, o auxílio, só se lhes pode dar Ø se cada um conhecer os problemas que possam surgir a todos” (crpc\_832)

Os exemplos (17), (18) e (19) contrariam Galves (2011), que previa a necessidade de uma retomada clítica para objetos determinados no PE, julgando impossível que um pronome nulo estabelecesse tal relação:

---

<sup>13</sup> “O Ivan”, mencionado pelo informante, é o filme soviético “Ivan, O Terrível”, de 1944.

Nestes casos, o clítico é obrigatório em PE e nas outras línguas românicas. Nestas línguas, existem restrições muito fortes sobre o aparecimento do objeto vazio. E, em particular, ele não é possível nas sentenças do tipo (31)<sup>14</sup> e (33)<sup>15</sup> porque não pode receber a interpretação determinada que elas impõem. Podemos pensar que, na posição objeto também nessas línguas, são os traços pronominais do pronome clítico que permitem recuperar um antecedente. Em PB, a ligação com o tópico é direta, porque ele é sempre acessível que não se precisa de um mediador, o clítico. (p. 11)

Os dados evidenciam, apesar da baixa frequência de ocorrências, que existe a possibilidade de retomada nula de referente determinado. Isso mostra que a necessidade dos clíticos não é obrigatória, como a autora defende.

Costa (2012), por sua vez, argumenta que as construções de objeto nulo são condicionadas, em primeira instância, pela sintaxe e pelas possibilidades do léxico:

De acordo com esta hipótese, a diferença fundamental entre as duas variedades não reside na orientação da construção para tópico. Tal decorre de um mapeamento (alegadamente) universal entre formas fortes e fracas e informações de natureza discursiva. A instanciação precisa desse mapeamento depende, em primeira instância, das possibilidades que o léxico oferece (no que concerne ao conjunto de formas nulas e pronominais disponíveis na língua), e das restrições sintáticas sobre ligação e co-referência. (p. 10)

Não se pode negar que o PE tem um sistema de clíticos consistente e estável à disposição do falante para situações como as descritas. Há também condições sintáticas para a retomada clítica nos exemplos citados. Então resta investigar quais são os pressupostos que regem retomadas nulas de sintagmas definidos na posição de tópico.

O surgimento das ocorrências apresentadas indica que a retomada de sintagmas mais determinados por pronomes nulos é uma possibilidade disponível e coerente na variedade europeia da língua portuguesa, não encontrando restrições gramaticais para a sua realização. A análise dos nossos dados, portanto, está em consonância com o pensamento de Costa (2012), uma vez que os resultados desse tipo de construção não apresentaram discrepâncias entre objetos determinados e não determinados.

No *corpus* de 2010, a frequência de realização de tópicos TOD foi também baixa, como no *corpus* de 1970. Com metade do tempo de escuta, surgiram duas ocorrências de TOD, representadas em (20) e (21).

(20) “O funcho, temos Ø em seco e temos o... o bulbo... portanto, o tubérculo do funcho.”

<sup>14</sup>(31) Apanharam as maçãs e guardaram no porão.

<sup>15</sup>(33) Quem não tem seu adesivo venha buscar logo. (ouvido no rádio)

(V15\_PE)

(21) “Em nível de projetos, sim, há, efetivamente, um enorme risco, enfim, de descontinuar Ø” (V6\_PE)

Assim, mantêm-se as análises feitas sobre os resultados da década de 1970 para construções de TOD encontradas em 2010. As ocorrências sugerem que a gramática do PE, desde a década de 1970, libera retomadas de tópicos por pronomes nulos, ainda que exista a disponibilidade das retomadas por clíticos, diferentemente do que prevê Galves (2011). São necessários estudos que verifiquem se o PE sofre um processo de mudança em relação à retomada de sintagmas determinados.

Em relação ao traço semântico, é interessante observar que todos os tópicos retomados em posição de objeto por pronome nulo no PE têm o traço [-humano], confirmando estudos como os de Tarallo (1993) e Kato, Duarte, Cyrino e Berlinck (2006) para o PB, segundo os quais a ocorrência do objeto nulo seria favorecida por situações cujos antecedentes carregam este traço.

#### **6.4 English Topic (ETop) ou Left Dislocation (LD)**

Esta seção trata das construções de ETop, designadas por CHOMSKY (1977) como LD, no PB e no PE nas décadas de 1970 e 2010. As subseções seguintes dão conta, respectivamente, das ocorrências encontradas no PB e no PE. Com as análises realizadas, pretendemos verificar em que aspectos as variedades se aproximam ou se distanciam, além de explicar eventuais oscilações de produtividade entre as décadas.

##### **6.4.1 PB**

As ocorrências de ETop, que apareceram 5 vezes no *corpus* de 1970, representam as retomadas por pronomes nulos de objetos diretos não definidos, como se observa em (22) e (23):

(22) “Maxixe não sei se identificaria logo Ø” (NURC-70/Salvador\_125)

(23) “Rádio também a gente pode encontrar Ø a pilhas” (NURC-70/Salvador\_173)

Na década de 2010, não foram encontradas ocorrências desse tipo.

#### 6.4.2 PE

Na década de 1970, apenas uma ocorrência de ETop foi encontrada no PE:

(24) “Sim, carne, consegue-se arranjar Ø, nem sempre há Ø, às vezes é assim muito, não é...”  
(crpc\_129)

Na década de 2010, não foram encontradas ocorrências de ETop no PE.

Apesar da escassez de ocorrências de ETop, podemos ressaltar, na década de 1970, o traço semântico [-animado], que parece, nas duas variedades, favorecer as situações de ETop. Além disso, é interessante também observar que, entre as décadas em análise, ambas as variedades apresentaram o mesmo comportamento, passando de poucas a nenhuma ocorrência.

Por um lado, a ausência de construções de ETop no PB e no PE na década de 2010 pode ser reflexo de falantes que, nos contextos discursivos dos *corpora* não sentiram vontade/necessidade de realizar sentenças com essa configuração. Por outro lado, analisando a totalidade das retomadas de objetos diretos topicalizados, podemos imaginar que a ausência das ETop reforça uma ideia de redução generalizada de topicalização de objetos diretos nas duas variedades. As dimensões e intenções deste trabalho não nos permitem aprofundar esta hipótese, mas acreditamos que estudos especificamente voltados para as construções de objeto topicalizado podem lançar uma luz sobre a questão. Por fim, destacamos que, nas ETop, encontramos mais um ponto de convergência entre PB e PE quanto às CT na área do objeto.

### 6.5 *Clitic Left Dislocation (CLLD)*

Esta seção trata das construções de CLLD no PB e no PE nas décadas de 1970 e 2010. As subseções seguintes dão conta, respectivamente, das ocorrências encontradas no PB e no PE. Com as análises realizadas, pretendemos verificar em que aspectos as variedades se aproximam ou se distanciam, além de explicar eventuais oscilações de produtividade entre as décadas.

#### 6.5.1 PB

Conforme esperado, o *corpus* do PB de 1970 quase não apresentou ocorrências de CLLD. Apenas uma frase coletada apresentou esta configuração:

(25) “As massas, eu devo lhe dizer o seguinte: nós preferimos, inclusive, fazê-**las** em casa”  
(NURC-70/Salvador\_081)

A frequência reduzida das construções de CLLD no PB é de conhecimento geral no âmbito dos estudos sintáticos. Há décadas, trabalhos como os de Duarte (1986, 1993), Tarallo (1993) e Kato, Duarte, Cyrino, & Berlinck (2006) tratam do declínio do sistema de clíticos no PB, que dá lugar ao preenchimento da posição de objeto por pronomes nulos (como vimos nas situações de TOD e ETop), pronomes plenos, ou SNs anafóricos (possibilidades apresentadas como TPR). Dessa forma, é previsível que, em consequência do declínio dos clíticos, também tenham se tornado cada vez mais raras as CLLD no Brasil. Os dados do *corpus* de 2010 correspondem a esta expectativa, pois não trazem nenhuma ocorrência deste tipo de tópico.

### 6.5.2 PE

Diferentemente do PB, o sistema de clíticos é considerado pelos linguistas como forte e estável no PE. O *corpus* de 1970 confirmou a diferença entre as variedades nesse sentido, uma vez que contou com 11 ocorrências de CLLD, como exemplificado em (26) e (27)

(26) Os móveis que, que eu comprei, agora acho-**os** horrorosos. (crpc\_977)

(27) Esse, chamaram-**no** depois (crpc\_1071)

Em relação aos condicionamentos semânticos, constatamos que os tópicos com traço [+humano] estiveram presentes em 7 ocorrências de CLLD, enquanto as outras 4 aconteceram com retomadas de tópicos [-humanos]. Apenas uma pesquisa com mais ocorrências de CLLD pode esclarecer até que ponto a animacidade do referente favorece esse tipo de ocorrências. Todavia, parece não haver favorecimento por traço semântico, dada a proximidade entre os resultados.

Conforme citação de Costa (2012), trazida na seção anterior, as construções de uma língua dependem da disponibilidade de seus recursos sintáticos e lexicais. Uma vez que o PE, diferentemente do PB, não foi atravessado por fenômenos que desequilibrassem o seu sistema pronominal (incluindo-se os clíticos), é esperado que as CLLD sejam uma possibilidade à



disposição do falante.

Embora frases como (26) e (27) sejam ainda consideradas recorrentes em PE, entre os dados levantados na década de 2010, o que mais chama a atenção é a não ocorrência de CLLD. O fato de os tópicos serem definidos, em tese, levaria a construções de CLLD, mas o que encontramos foram construções de TOD – que, conforme Galves (1996), seriam impossíveis no PE – e uma retomada por SN anafórico. Como já dito anteriormente, é previsível que esse tipo de tópico não aconteça em PB, uma vez que o próprio sistema de clíticos é pouco usado pelos falantes desta variedade. Entretanto, no PE, o uso de clíticos é frequente e regular, pelo menos em outras condições sintáticas.

Não é possível indicar uma crise no sistema de clíticos do PE, uma vez que a produção de tópicos não é um mecanismo exclusivamente sintático e está condicionada a fatores que não são facilmente controláveis, como a vontade do falante e o contexto de fala. Entretanto, embora não seja possível apontar de imediato uma aproximação entre PB e PE no que diz respeito à produção de CLLD, os resultados trazidos pela nossa pesquisa revelam a necessidade de estudos mais aprofundados, especificamente sobre a produtividade das CLLD no PE atual e sobre a possibilidade de outras estratégias (nomeadamente, construções de TOD e TPR) estarem começando a ganhar espaço nesta variedade.

## 6.6 Síntese do capítulo

Neste capítulo, tratamos das retomadas de tópico na posição de objeto, analisando as ocorrências dos tipos TPR, TOD, ETop e CLLD. Algumas conclusões interessantes puderam ser alcançadas, tanto para o PB quanto para o PE, através da comparação entre nossos resultados e o que prediziam estudos anteriores.

O maior ponto de divergência entre as variedades nesse aspecto, pelo menos até a escrita deste trabalho, eram as construções de CLLD, que são retomadas de tópicos por clíticos. Apesar disso, nossos dados do PE na década de 2010 não apresentaram registros de CLLD, assim como o PB. O fato é que a existência de CLLD no PE e a inexistência (ou rara frequência) no PB confirma o desenvolvimento de um fenômeno sintático, que é o declínio dos clíticos na fala brasileira. Não consideramos adequado indicar nenhuma tendência a partir desses resultados, uma vez que, até o momento, é consenso entre os estudiosos da área da sintaxe que o sistema de clíticos no PE permanece estável. Porém trabalhamos com um *corpus* reduzido e em uma pesquisa generalista sobre todos os tipos de tópicos, o que não permitiu o aprofundamento nas CLLD. Tendo isso em vista, julgamos necessárias pesquisas

mais aprofundadas nesse sentido a fim de investigar se, de fato, há alguma possibilidade ou tendência de desequilíbrio em relação aos clíticos do PE, principalmente se levarmos em conta os exemplos de TOD e SNs anafóricos encontrados na década de 1970.

Quanto às semelhanças entre PB e PE, o quadro se mostrou muito mais amplo. Em todos os demais tipos de tópicos, as variedades apresentaram resultados parecidos, inclusive na variação entre as décadas. Até mesmo a ausência de CLLDs na década de 2010 foi um ponto em comum entre os *corpora* brasileiro e português.

Nesse sentido, destacamos as retomadas de tópicos por SNs em posição de objeto direto. No PB, esta estratégia se mostrou uma alternativa tanto ao uso de clíticos quanto ao objeto nulo, que tem aparecido em outros estudos, conforme Tarallo (1993), Cyrino (1994, 2000) e Oliveira (2016), como o mais recorrente para retomar tópicos com o traço [-humano]. No PE, apesar de não haver motivações para os falantes evitarem os clíticos ou os nulos, como há no PB, as retomadas por SN também foram encontradas. Semanticamente, também verificamos semelhanças entre PB e PE: todos os SNs anafóricos tinham como referente um tópico [-humano].

Outro ponto que chamou a atenção foi o fato de termos encontrado construções de TOD no PE. Galves (1996) chegou a considerar impossíveis construções deste tipo, mas elas foram encontradas em nossos dados quatro vezes. Segundo Cinque (1990), Raposo (1996) e Galves (2011), os objetos diretos determinados em posição de tópicos deveriam ser retomados por clíticos em seu deslocamento, formando construções exatamente de CLLD. Entretanto, na década de 1970, ocorreram simultaneamente ocorrências de TOD e CLLD, enquanto, em 2010, foi encontrado um caso de TOD e nenhum de CLLD. Este é um ponto que carece de investigações aprofundadas, segundo os postulados da Teoria Gerativa.

Quanto à semântica, tanto no PB quanto no PE, notamos que parece haver favorecimento das retomadas nulas (construções de TOD e ETop) e por SNs (construções de TPR) em posição de objeto quando o tópico é [-humano]. Nas construções de CLLD, não verificamos inclinações nesse sentido no PB (pois só houve uma ocorrência), nem no PE (pois constatamos tópicos com o traço [+humano] e com o [-humano]).

Aparentemente, há uma redução generalizada das retomadas de tópicos em posição de objeto e nossas reflexões buscam apontar para um possível fenômeno em curso que carece de estudos mais aprofundados. Estariam, de fato, as construções de tópico envolvendo objetos em decadência? Quais são as condições sintáticas, semânticas e discursivas que podem motivar esse possível declínio? Estas e outras perguntas, das quais, infelizmente, não podemos dar conta no presente trabalho, podem direcionar pesquisas futuras que contribuirão

efetivamente para o mapeamento da área do objeto no PB.

Por fim, destacamos a situação de proximidade entre PB e PE nas construções da área do objeto. Mais uma vez, reforçamos que tal proximidade corresponde à hipótese que traçamos no início deste trabalho: as diferenças entre as variedades são motivadas principalmente pela remarcação do parâmetro *pro-drop* no PB, pelo que se expressam com mais relevância em construções referentes à área do sujeito, e não à do objeto.

## CAPÍTULO 7

### Conclusão

#### 7.1 Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo verificar se PB e PE apresentam gramáticas diferentes em decorrência de propriedades semântico-discursivas, conforme Galves (1998), Kato (1999), entre outros, ou se as diferenças entre as variedades existem apenas como “variações micro-paramétricas” consequentes de características morfológicas com desencadeamentos sintáticos, conforme Costa (2010, 2012). Alcançamos este objetivo maior com base em três outros, mais específicos, que deveriam ser considerados durante o trabalho:

- a) Identificar as construções de tópico presentes nas duas variedades do português, descrevendo a sua configuração sintática.
- b) Compreender como as CT se organizam nos sistemas CP<sup>16</sup> de cada variedade.
- c) Averiguar até que ponto as gramáticas do PB e do PE se distanciam ou se aproximam no que diz respeito às condições discursivas e morfossintáticas.

A partir da investigação das estruturas sintáticas subjacentes às construções envolvendo tópicos no PB e no PE, pudemos estabelecer um panorama geral relativo aos tipos de CT presentes no Brasil e em Portugal em duas décadas (1970 e 2010). Isso permitiu a constatação de regularidades que revelam mais pontos de aproximação do que de distanciamento entre as variedades no que diz respeito ao discurso. Por outro lado, observamos a relevância de construções sintáticas que se distinguem entre PB e PE devido a atributos morfológicos, confirmando a hipótese de Costa (2010, 2012). Essas diferenças morfossintáticas, segundo nossas análises, levam a organizações distintas nos sistemas CP de cada variedade. Dessa forma, consideramos que todos os objetivos estabelecidos previamente foram alcançados e, assim, nossas hipóteses puderam ser testadas com mais coerência e segurança. A seguir, detalharemos os aspectos sintáticos, semânticos e morfológicos que

---

<sup>16</sup> CP significa *Complementizer Phrase* e se refere a uma camada estrutural da língua. Adotamos a proposta de Rizzi (1997), segundo a qual, nesta camada, estão alojadas projeções nucleares funcionais, como será desenvolvido no capítulo 6 desta dissertação.

constituíram as principais semelhanças e diferenças entre PB e PE nos nossos *corpora*.

Quanto às relações sintáticas envolvidas nas construções de tópico, percebemos que há diferenças mais substanciais entre PB e PE nas sentenças em que o tópico é retomado por um sujeito, situação trazida no capítulo 5.

Com este capítulo, tivemos o objetivo de compreender como se organizam, em cada variedade, as posições que generalizamos como “área do sujeito”. Submetemos a análise dos nossos dados a propostas teóricas anteriores e pudemos avaliar até que ponto as gramáticas do PB e do PE se aproximam ou se distanciam em sentenças envolvendo tópicos e sujeitos.

Além disso, buscamos observar possíveis tendências de comportamento das variedades no que diz respeito à relação entre o tópico e o sujeito ao longo do tempo. Comparamos os resultados obtidos no *corpus* de 1970 com os do *corpus* de 2010 e, novamente, analisamos as implicações dessa observação à luz de teorias relacionadas ao tema.

*A priori*, o que se percebeu foi o fortalecimento do sujeito preenchido por pronome em PB nas situações de retomada de tópico. Esse tipo de ocorrência cresceu significativamente entre 1970 e 2010, reforçando a hipótese sustentada por linguistas como Duarte (1993, 1995) e Galves (1996, 2001) de que o PB vem perdendo a capacidade de realizar o traço de 3<sup>o</sup> pessoa somente através da morfologia verbal. Além disso, confirmamos o que disseram Cyrino, Duarte e Kato (2000) sobre essa perda de traço já comece a se estender para a primeira pessoa, pelo menos nas construções de tópico. Sinal disso é o aparecimento de retomadas pronominais em frases cujos tópicos foram realizados pelo pronome pessoal *eu*. Dessa forma, seguindo os estudos gerativistas, confirmamos que, em PB, a posição Spec, TP é sempre projetada para dar conta da checagem do traço D em construções de TPR.

Essa ideia se relaciona com a proposta de Avelar & Galves (2011) sobre a projeção de Spec, TP. Posto que o PB, segundo os autores, é uma língua *phi*-independente, Spec, TP é projetado antes da concatenação da camada C. Isso acontece porque os traços morfológicos dos SNs sujeitos no PB precisam ser checados no especificador do núcleo T, uma vez que a variedade brasileira possui T defectivo<sup>17</sup>, conforme Roberts (2009). Assim, a checagem do traço de pessoa nem sempre é possível somente a partir da morfologia verbal.

Quanto à disposição dos constituintes na estrutura sintática, depreendemos, a partir da análise dos dados, que a proposta mais adequada para dar conta da posição das construções de tópico relacionadas do PB é a de Rizzi (1997, 2001). A partir da cartografia sintática sugerida pelo autor, é possível organizar e categorizar os elementos de todas as ocorrências

---

<sup>17</sup> Para aprofundamento na discussão acerca da defectividade de T no PB, sugerimos, além de Roberts (2009), a leitura de Modesto (2010).

encontradas, contemplando também as operações referentes à topicalização de sintagmas, ao preenchimento (ou não-preenchimento) do sujeito e as relações possíveis entre as posições envolvidas em construções de tópico pendente com retomada em posição de sujeito.

Em seguida, procedemos à análise das ocorrências do PE, submetendo as ocorrências a análises baseadas nas propostas de Barbosa (1995, 2001) - que defende uma projeção funcional única imediatamente acima do VP para abrigar sintagmas com importe discursivo de Top ou Foc – e Roberts e Holmberg (2010), os quais adotam o modelo defendido por Rizzi (1997). Assim como no PB, a interpretação das ocorrências encontradas no PE foi favorecida pela cartografia sintática, que, ao nosso ver, permitiu uma análise mais coerente, em especial, das construções em que tópicos e focos são entremeados por algum material interveniente.

Por fim, verificamos a relevância do traço [+/- humano] nas retomadas de tópicos em posição de sujeito no PE. O que nossos dados indicaram foi que parece haver um fortalecimento do sujeito nulo em construções desse tipo, uma vez que a retomada de tópicos [+humanos] por pronome pleno decresceu entre 1970 e 2010, ao contrário do que ocorreu com a retomada por pronome nulo. As retomadas de tópicos [-humanos] não apresentaram alterações significativas entre o uso de pronomes plenos ou nulos no período. A retomada por SNs, entretanto, parece estar se consolidando como estratégia preferencial para retomada de referentes com este traço semântico.

Enfim, relativamente à área do sujeito, o que se pode perceber é que as diferenças entre PB e PE quanto às construções de tópico parecem mais fortemente balizadas por características morfológicas com repercussões sintáticas do que discursivas de cada variedade. Diferentes propriedades morfológicas referentes aos procedimentos de concordância e checagem de traços podem gerar diferentes operações sintáticas – e, portanto, diferentes resultados na superfície das sentenças. Entretanto, a estrutura subjacente às construções de TPR do PB e do PE é similar, segundo a proposta de Rizzi (1997). Nesse sentido, os aspectos da língua estudados nesse capítulo nos levam a concordar com Costa (2010, p. 125), quando diz que “algumas das principais diferenças entre as duas variedades assentam no comportamento da concordância, o que indicará que a mudança sintática se baseia nas propriedades de Infl e não em aspectos macro-paramétricos”.

Quanto às ocorrências relacionadas ao que chamamos de “área do objeto”, trabalhadas no capítulo 6, percebemos que, em ambas as variedades, a retomada de tópicos por SNs parece sofrer condicionamento semântico, sendo favorecida pelo traço [-humano] do referente. Eis um ponto de contato entre PB e PE do ponto de vista semântico. Cabe analisar se existe, no PE, algum fator sociolinguístico que favoreça a realização dessas estruturas,

como ocorre no PB, já que a retomada nula pode ser uma opção neutralizada entre os clíticos (muito formais) e o pronome lexical (muito informal), conforme análise de Duarte (1986), e considerando-se a inexistência de CLLD no nosso *corpus* mais atual.

A queda de produtividade das retomadas em posição de objeto também chamou a nossa atenção. No PB, as retomadas desse tipo mostraram-se muito menos recorrentes em 2010 do que em 1970. Estariam os falantes da norma brasileira realizando menos construções desse tipo? Se sim, esse fenômeno atinge construções não topicalizadas? Quais seriam as motivações para que isso ocorresse? Julgamos necessárias pesquisas que se dediquem a investigar de forma mais profunda as construções com objeto anafórico para responder a estas e outras perguntas que possam surgir.

No PE, as quedas de produtividade, quando ocorreram, foram quase sempre menos expressivas do que no PB. A exceção fica por conta das CLLD, que não foram encontradas no *corpus* mais recente. Não identificamos motivações sintáticas ou semânticas para estes resultados, entretanto achamos curioso o fato de terem sido encontradas ocorrências de TOD no PE.

Apesar da baixa produtividade (4 ocorrências no total), o aparecimento dessas construções é representativo para a nossa pesquisa, pois, segundo Galves (1996), é papel dos clíticos retomar objetos diretos topicalizados se eles forem determinados. Das quatro ocorrências de TOD no PE, três foram extraídas do *corpus* de 1970, quando foi grande o volume de CLLD, e apenas uma foi de 2010, quando não encontramos CLLD. A escassez de dados e o *corpus* limitado, infelizmente, não permite que tendências sejam apontadas, mas julgamos imprescindível a realização de pesquisas aprofundadas no que chamamos de área do objeto para averiguar detalhadamente a situação das CLLD e das TOD no PE atual.

Os outros tipos de construções não apresentaram dados expressivos sobre tendências das duas variedades. Fizemos essa seleção pelo número de ocorrências, como aconteceu com as situações de Tópico-sujeito, e pela literatura teórica em volta delas, como aconteceu com os Tópicos Pendentes, que são considerados universais entre as línguas do mundo.

Partido do exposto, julgamos que PB e PE apresentam diferenças substanciais em seus sistemas de concordância, as quais podem desencadear fenômenos morfossintáticos futuros que distanciem cada vez mais as suas gramáticas. As operações sintáticas da área do sujeito aqui estudadas aproximam o PB às línguas de sujeito preenchido e o PE às línguas de sujeito nulo. Embora ambas as variedades possam apresentar construções com e sem sujeito preenchido, as condições sintáticas que levam ao preenchimento do sujeito em retomadas de tópicos são consideravelmente diferentes entre PB e PE. As diferenças estruturais subjacentes

às ocorrências de cada variedade resultam de marcações diferentes do parâmetro do sujeito nulo. Enquanto o PE mantém o parâmetro marcado positivamente, o PB se encontra em um possível processo de transição rumo à marcação negativa do mesmo parâmetro.

Não se observam diferenças entre as duas variedades no nível discursivo, visto que, com exceção da CLLD, que é uma questão de retomada sintática interna à oração, as mesmas construções de tópico foram encontradas nas duas variedades, com diferenças na frequência de produção.

As repercussões superficiais de operações sintáticas distintas podem ser observadas pela altíssima frequência de retomadas pronominais em posição de sujeito no PB, o que ocorre com raridade no PE. Futuramente, é possível que outras diferenças venham à superfície das sentenças e levem a outros fenômenos. Porém o que nossos dados mostram é que esses fenômenos deverão estar sempre relacionados à remarcação paramétrica do PB, que vem deixando de ser uma língua de sujeito nulo.

As análises realizadas sobre ocorrências da área do objeto confirmam a nossa hipótese, uma vez que apresentam mais semelhanças do que diferenças entre PB e PE, tanto do ponto de vista sintático quanto do semântico. Não se pode negar que a crise do sistema de clíticos do PB tem reflexos sobre as construções de tópico, em especial, sobre as de CLLD. Contudo, não foram encontrados indícios de que esses reflexos justifiquem diferenças gramaticais profundas entre as duas variedades. Pelo contrário, comparando-se os números de 1970 e 2010, as ocorrências de TOD, ETop e CLLD apresentaram resultados semelhantes entre PB e PE. Essa aproximação reforça a ideia de que as diferenças gramaticais pertinentes às construções de tópico entre Brasil e Portugal estão localizadas apenas na área do sujeito e têm motivação paramétrica, conforme defende Costa (2010; 2012)

Com este trabalho, esperamos contribuir para o estudo da sintaxe do português, especialmente no tocante às construções de tópico e às operações sintáticas que determinam as configurações gramaticais do PE e do PB nestas construções. Investigando esses processos, esclarecemos questões relativas ao posicionamento do sujeito nas estruturas sintáticas de cada variedade, bem como mostramos os reflexos das relações semânticas entre os constituintes para as construções de tópico. Confirmamos algumas hipóteses de estudos anteriores, como o crescente preenchimento do sujeito em PB, e também trouxemos dados que contrariam perspectivas, como as construções de TOD no PE.

No âmbito da Linguística Histórica, o nosso trabalho se constitui como uma ponte entre o passado e o futuro da Língua Portuguesa, pois apresenta o panorama recente de um fenômeno nas duas variedades, que pode ser comparado com retratos de outras sincronias,



tanto anteriores como posteriores. Ao mesmo tempo, desenvolvemos reflexões comparativas entre o final de um século e o início de outro, o que permite observar tendências possíveis da língua e apontar algumas direções que podem guiar estudos futuros.

Esta dissertação pode ser de interesse dos estudiosos das construções de tópico, da Linguística Histórica, da Teoria Gerativa e também linguistas de outras áreas, atraídos pela Sintaxe Diacrônica. Almejamos não apenas mapear sintaticamente as CT na virada do século XX para o século XIX, mas também fornecer subsídios para trabalhos futuros nas áreas da sintaxe, seja na academia, através de artigos, TCCs, dissertações e teses, seja no ensino básico, por meio da produção de livros didáticos, manuais de gramática ou outros materiais de estudo. Assim, esperamos, através os dados e análises apresentados, colaborar com pesquisas no campo da linguística que possam agregar cada vez mais conhecimento ao que tem sido diariamente construído há séculos por cientistas de todo o mundo.

## REFERÊNCIAS

CRPC - Corpus de Referência do Português Contemporâneo. Disponível em: <<http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/183-crpc#cqp>>. Acesso em: 24 dez 2016.

Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Disponível em: <<https://alib.ufba.br/>>. Acesso em: 24 dez 2016.

Syntax Tree Generator. Utilizado para geração das imagens das árvores sintáticas presentes neste trabalho. Disponível em <<http://mshang.ca/syntree/>>. Acesso em: 22 dez 2016.

ARAÚJO, Edivalda Alves. *As construções de tópico do português nos séculos XVIII e XIX*. Originalmente apresentada como tese de doutorado. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFBA, 2006.

ARAÚJO, Edivalda Alves. Construções de Tópico. In: *LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Org.). O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: Edufba, v. 1, 2009. p. 231-250.

AVELAR, Juanito; GALVES, Charlotte. *Tópico e concordância em português brasileiro e português europeu*. Textos selecionados – XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: APL, 2011.

BARBOSA, Pilar. *Null Subjects*. Originalmente apresentada como tese de doutorado. Cambridge: MITWPL, 1995.

BARBOSA, Pilar. Ainda a questão dos sujeitos pré-verbais em PE: uma resposta a Costa. *DELTA: Publicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP*, São Paulo, ano 22, n. 2, 2006. p. 345-402.

BRAGA, Maria Luiza. *Topicalizações, deslocamento à esquerda e discurso*. Relatório de Pesquisa Apresentado ao CNPQ. Uberlândia, MG, 1987.

BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; MATOS, Gabriela. Frases com tópicos marcados. In: MIRA MATEUS et al. *Gramática da língua portuguesa*. 5.ed. rev. e aum. Lisboa: Caminho, 2003. p. 489-502

CASAGRANDE, Sabrina. Restrições de ocorrência do objeto direto anafórico no Português Brasileiro: gramática adulta e aquisição da linguagem. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – revel*, Porto Alegre, edição especial n. 6, 2012. Disponível em: <[www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br)>. Acesso em: 10 set. 2016.

CHAFE, Wallace L.; LI, Charles N.. *Givenness, Contrastiveness, Definiteness, Subjects, Topics, and Point of View in Subject and Topic*. Symposium on Subject and Topic. Oakland: University of California Press, 1976. p. 25-55.

CHOMSKY, Noam; COLLINS, Chris. *Beyond explanatory adequacy*. Cambridge: MITWPL, v. 20, 2001.

CHOMSKY, Noam. *Derivation by phase*. Cambridge: MITWPL, v. 18, 1999.

CHOMSKY, Noam. *New horizons in the study of language and mind*. Cambridge: Cambridge University Press, v. 20, 2001.

CINQUE, Guglielmo. *Types of A-dependencies*. Linguistic Inquiry Monographs. Londres: MIT Press, 1990.

COSTA, Tatiane Macedo. *Um estudo diacrônico das variadas realizações do Objeto Direto Anafórico na imprensa baiana dos séculos XIX e XX*. Campinas: Unicamp, 2012. Disponível em: <[http://www.tycho.iel.unicamp.br/gentle-wiki/arquivos/8/85/MACEDO-COSTA\\_T-Msc.pdf](http://www.tycho.iel.unicamp.br/gentle-wiki/arquivos/8/85/MACEDO-COSTA_T-Msc.pdf)>. Acesso em: 13 set. 2016.

CYRINO, Sonia Maria Lazarini. O objeto nulo no português brasileiro. In: Eberhard Gärtner, HUNDTE, Crhistine; SCHÖNBERGER, Axel (Org.). *Estudos de gramática portuguesa*. Frankfurt: TFM, v III, 2000. p. 61- 73.

CYRINO, Sonia Maria Lazarini. *O Objeto nulo do português do Brasil: um estudo sintatico-diacrônico*. Campinas: Ed. UEL, 1996. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Unicamp, 1994.

CYRINO, Sonia Maria Lazarini. *O Objeto nulo do português do Brasil: um estudo sintatico-diacrônico*. Campinas: Unicamp, 1994. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270355>>. Acesso em: 12 set. 2016.

CYRINO, Sonia Maria Lazzarini; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; KATO, Mary Aizawa. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary Aizawa; NEGRÃO, Esmeralda (Ed.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert, 2000.

DECAT, M. B. Nascimento. Construções de tópico em português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal. In: TARALLO, F. (org.) *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes: Editora da UNICAMP, 1989. p. 113-137.

DUARTE, M. E. L.; PAIVA, M. C. A. A variação linguística e o papel dos fatores linguísticos. In: Abralín, 91., 2011, Curitiba. *Apresentação de Trabalho/Comunicação...* Curitiba: Associação Brasileira de Linguística, 2011.

DUARTE, M. E. L. Do Pronome Nulo ao Pronome Pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: KATO, M. A.; ROBERTS, Ian. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. P. 107-125.

DUARTE, M. E. L.; VAREJÃO, F.. Null subjects and agreement marks in European and Brazilian Portuguese, Lisboa. *Journal of Portuguese Linguistics*, ano 12, v.2, 2013. p. 101–123.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica* (Homenagem a Fernando Tarallo). Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. P. 107-128.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *A Perda do Princípio "Evite Pronome" no Português Brasileiro*. Tese de doutorado. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Org.). *Mudança Lingüística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes Editores, 1987.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. *A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

FIGUEIREDO, C.. *O objeto nulo no português rural baiano: Teoria temática e elipse de DP*. Tese de doutorado. Salvador: UFBA, 2009.

GALVES, Charlotte M. C.. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: KATO, M. A.; ROBERTS, Ian. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 387-408.

GALVES, Charlotte. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

GALVES, Charlotte. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: Editora da UNICAMP, n.34, jan/jun. 1998. P. 19-31.

KATO, Mary A.. Strong pronouns, weak pronominals and the null subject parameter. In: *PROBUS*. Berlim: Mouton de Gruyter, n. 11, 1999. P. 1-37.

KATO, Mary A.. Tópico e sujeito: duas categorias na sintaxe? In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, n. 17, 1989.

KATO, Mary A.; DUARTE, M. E. L.; CYRINO, S.; BERLICK, R.. Português brasileiro no fim do século XIX e na virada do milênio. In: CARDOSO, Suzana; MOTA, J., Jacyra Mota; MATOS E SILVA, R. V (Org.). *Quinhentos anos de história lingüística do Brasil*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia/Funcultura/Governo da Bahia, 2006. p. 413-438.

KATO, Mary A.; DUARTE, M. Eugênia L.. A variação entre construções finitas pessoais e impessoais no português brasileiro. *Revista Sociodialeto*, Dourados, v. 4, n. 12, p. 153-177, 2014.

KATO, Mary, et al. Português brasileiro no fim do século XIX e na virada do milênio. In: CARDOSO, Suzana; MOTA, J.; MATOS E SILVA, R. V. (Org.). *Quinhentos anos de história lingüística do Brasil*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia/Funcultura/Governo da Bahia, 2006. p. 413-438.

LAMBRECHT, Knud. *Information structure and sentence form: Topic, focus, and the mental representations of discourse referents*. Cambridge: Cambridge University press, v. 71, 1996.

MODESTO, Marcello. What Brazilian Portuguese says about control: Remarks on Boeckx & Hornstein. *Syntax*. Malden, v. 13, 2010. p. 78-96. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-9612.2009.00136.x/full>>. Acesso em: 28 nov. 2016.

OLIVEIRA, P. A. de. O apagamento/preenchimento do objeto direto e indireto na escrita. In: II Congresso Internacional de Linguística e Filologia e o XX Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2016. Rio de Janeiro. *Apresentação de Trabalho/Comunicação...* Rio de Janeiro: Cadernos do CNLF-UERJ, 2016. v. 19.

OLIVEIRA, Solange Mendes. Objeto direto nulo, pronome tônico de 3ª pessoa, SN anafórico e clítico acusativo no português brasileiro: uma análise de textos escolares. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – revel*. Porto Alegre, v. 5, n. 9, agosto de 2007. ISSN 1678-8931 Disponível em: <[www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br)>. Acesso em: 16 out. 2016.

ORSINI & VASCO, Sergio Leitão. Português do Brasil: língua de tópico e de sujeito. In: Diadorim - Revista de Estudos Linguísticos e Literários da Pós Graduação da UFRJ, Rio de Janeiro: UFRJ, Vol.2, p.83-98, 2007.

RAPOSO, Eduardo. *Towards a unification of topic constructions*. UCSB. 1996. Texto inédito.s/r.

RIBEIRO, Ilza. A ordem dos constituintes na Carta de Caminha. In: MATTOS E SILVA, R.V. (org.) *A Carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500*. Salvador: UFBA, 1996. p. 29-62.

RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In: *Elements of grammar*. Amsterdam: Springer, 1997. p. 281-337.

RIZZI, Luigi. Locality and left periphery. In: *Structures and beyond. The cartography of syntactic structures*. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 223-251.

RIZZI, Luigi. On the Position Int(errogative) on the Left Periphery of the Clause. In: *Current studies in Italian syntax: Essays offered to Lorenzo Renzi*. Siena: Università di Siena, 1999.

ROBERTS, I.; HOLMBERG, A. (. Introduction: parameters in minimalist theory. In: BIBERAUER, T.; ROBERTS, I.; HOLMBERG, A.; SHEEHAN M. (Org.). *Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 1-58.

SANTOS, Ângela Marina Bravin dos. *O sujeito pronominal de 3ª pessoa no português culto do Rio de Janeiro: um estudo em tempo real*. DELTA: Publicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, São Paulo, 2009.

SOLEDADE, Carolina de La Vega. *A Realização do objeto direto anafórico em peças de autores brasileiros dos séculos XIX e XX: dados empíricos para observação da mudança*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2011. 116 p.

SOLEDADE, Carolina de La Vega. A realização do objeto direto anafórico de terceira pessoa em cartas de ilustres do Século XIX. *Apresentação de Trabalho/Comunicação...* 58o. Seminário do GEL, São Carlos, SP, 2011.

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M.A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 9-106.

TARALLO, F.; DUARTE, M. E. L. Processos de mudança linguística em progresso: a saliência vs. Não saliência de variantes. *Ilha do Desterro: A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies*. Florianópolis: EDUFSC, v. 20, p. 44-58, 1988.

URIAGEREKA, J. *Rhyme and Reason: An Introduction to Minimalist Syntax*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1998.